



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Centro de Educação e Humanidades

Faculdade de Educação

Mariana Elena Pinheiro dos Santos de Souza

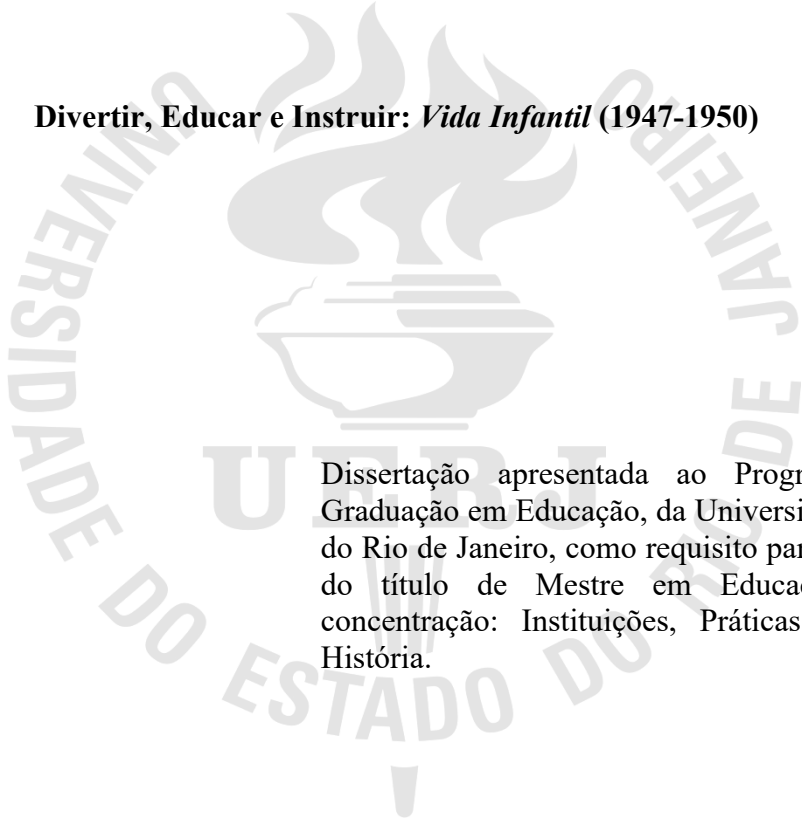
Divertir, Educar e Instruir: *Vida Infantil* (1947-1950)

Rio de Janeiro

2019

Mariana Elena Pinheiro dos Santos de Souza

Divertir, Educar e Instruir: *Vida Infantil* (1947-1950)



Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Educação. Área de concentração: Instituições, Práticas Educativas e História.

Orientadora: Prof^a Dr^a Márcia Cabral da Silva

Rio de Janeiro

2019

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ / REDE SIRIUS / BIBLIOTECA CEH/A

S729 Souza, Mariana Elena Pinheiro dos Santos de.
Divertir, Educar e Instruir: Vida Infantil (1947-1950) / Mariana Elena
Pinheiro dos Santos de Souza. – 2019.
131 f.

Orientador: Márcia Cabral da Silva.
Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro.
Faculdade de Educação.

1. Educação – Teses. 2. Periódicos Brasileiros– Teses. 3. Leitura – Teses. I.
Silva, Márcia Cabral da. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Faculdade
de Educação. III. Título.

es CDU 37:080(81)

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta
dissertação, desde que citada a fonte.

Assinatura

Data

Mariana Elena Pinheiro dos Santos de Souza

Divertir, Educar e Instruir: *Vida Infantil* (1947-1950)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Educação. Área de concentração: Instituições, Práticas Educativas e História.

Aprovada em 21 de fevereiro de 2019

Banca examinadora:

Prof.^a Dr.^a Márcia Cabral da Silva (Orientadora)
Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Prof.^a Dr.^a Alessandra Frota Martinez de Schueler
Universidade Federal Fluminense

Prof.^a Dr.^a Libânia Nacif Xavier
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Prof.^a Dr.^a Lia Ciomar Macedo de Faria
Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Prof. Dr. José Cláudio Sooma Silva
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Rio de Janeiro

2019

DEDICATÓRIA

À minha mãe Sandra (in memoriam),

À minha avó Helena (in memoriam),

À minha tia e madrinha Elza,

Ao meu irmão Mauro,

Ao meu companheiro Diego.

AGRADECIMENTOS

Segundo o Dicionário Escolar da Língua Portuguesa, da Academia Brasileira de Letras, *agradecer* é mostrar-se grato a; e *agradecido* é aquele que sente ou revela gratidão. Sinto-me inteiramente agradecida.

Agradeço, primeiramente, a Deus, pelo dom da vida e por ter me dado forças nos momentos em que mais precisei.

Agradeço à minha família – alicerce primeiro e fundamental. Em especial, agradeço à minha mãe, Sandra Maria, joia rara e que faz muita falta. Agradeço à minha tia e madrinha, Elza Elena, pelo seu cuidado e amor de mãe. Agradeço à minha avó, Helena Pinheiro, por ter me ensinado a enxergar o lado bom da vida, mantendo o coração sempre aquecido. Agradeço ao meu irmão, Mauro Sergio Pinheiro, cujo amor imenso se faz notável até mesmo nas adversidades. Agradeço ao meu namorado, Diego Francisco da Silva, por seu amor e por compartilhar sonhos ao meu lado. Agradeço à Rita Luzie, pelo carinho e pelos ensinamentos. Agradeço, finalmente, ao meu pai, Mauro Sergio, e ao meu tio e padrinho, João Carlos: queridos e amados.

Agradeço aos meus amigos – família escolhida. Agradeço, também, aos meus colegas do Colégio de Aplicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (CAp/UFRJ).

Agradeço ao estimado Grupo de Pesquisa, GRUPEEL, do qual tenho feito parte há oito anos, e cujas aprendizagens ultrapassam o conhecimento acadêmico. De modo especial, agradeço à minha orientadora Dr^a Márcia Cabral da Silva, cujo modo de ensinar sempre se deu sob os pilares do carinho, da atenção e do incentivo.

Agradeço à Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), a todos os seus colaboradores e, em especial, aos professores com os quais tive aula e me ajudaram, à sua maneira, a realizar esta pesquisa. Agradeço aos professores que aceitaram compor a banca de defesa desta dissertação: Prof^a Dr^a Alessandra Schueler (UFF), Prof^a Dr^a Libânia Xavier (UFRJ), Prof^a Dr^a Lia Faria (UERJ) e Prof. Dr. Cláudio Sooma (UFRJ).

Agradeço à Fundação Biblioteca Nacional e aos seus servidores, particularmente, aos funcionários da Seção de Periódicos e da Seção de Obras Gerais. Agradeço ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) por financiar, durante o mestrado, a minha pesquisa. Pela confiança e pelo investimento: muito obrigada.

Às vezes, não há nenhum aviso. As coisas acontecem em segundos. Tudo muda. Você está vivo. Você está morto. E as coisas continuam. Somos finos como papel.(...)

Charles Bukowski

RESUMO

SOUZA, Mariana Elena Pinheiro dos Santos de. **Divertir, Educar e Instruir: *Vida Infantil*** (1947-1950). 2019. 131 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.

Neste estudo, problematizou-se a dimensão híbrida do impresso, com especial ênfase no material aqui utilizado como objeto e fonte: a revista *Vida Infantil*. A revista circulou no Brasil entre 1947 e 1960 e foi editada pela Sociedade Gráfica Vida Doméstica Ltda. De 1947 a junho de 1951, ela circulou com uma periodicidade mensal; já a partir de julho de 1951 passou a ser quinzenal, fato que justifica o recorte da pesquisa: de 1947 a 1950. A editora tinha sede no Distrito Federal e era igualmente responsável pela edição das revistas *Vida Doméstica* (1920 – 1963) e *Vida Juvenil* (1949 – 1959). A hipótese central do estudo é a de que essa publicação seguia uma perspectiva híbrida. Assim, o objetivo geral é o de compreender *Vida Infantil* em sua composição: a de divertir, educar e instruir. Nesse sentido, circunscrevem-se os objetivos específicos: 1) Compreender discursos voltados para a diversão, a educação e a instrução de seu público; 2) Analisar as edições da revista, de 1947 a 1950, com especial enfoque nos três elementos potentes das publicações: divertir, educar e instruir; e 3) Compreender, de um lado, modos de se divertir os pequenos leitores por meio de Histórias em Quadrinhos e, de outro lado, entender modos de se ensinar a História do Brasil às crianças por meio da coluna *História do Brasil para Crianças*. A pertinência de *Vida Infantil* para a pesquisa em História da Educação pode ser justificada por seu duplo papel difusor de discursos e práticas com vistas à diversão, educação e instrução das crianças leitoras, o que vai ao encontro das reflexões históricas e culturais que consideram a imprensa periódica um testemunho cultural potente. No que concerne à metodologia empregada para a realização desta pesquisa, ressalta-se a investigação documental feita na Seção de Periódicos da Fundação Biblioteca Nacional (FBN), localizada na cidade do Rio de Janeiro. Desse modo, o exercício metodológico desta pesquisa se pautou na análise crítica das fontes documentais e na revisão de literatura que tratasse de temáticas afins, a saber: História da Educação e do Impresso.

Palavras-chave: *Vida Infantil*. Periódico. Impresso. Leitura.

ABSTRACT

SOUZA, Mariana Elena Pinheiro dos Santos de. **Amusing, educating and instructing: *Vida Infantil* (1947-1950)**. 2019. 131 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.

In this study it was questioned the hybrid dimension of the printout, especially of *Vida Infantil* magazine, object and source of this research. The magazine circulated in Brazil from 1947 to 1960 and it was edited by Sociedade Gráfica Vida Doméstica Ltda. From 1947 to June 1951, the magazine editions were monthly; from July 1951, fortnightly, which justifies the period chosen for this research: from 1947 to 1950. The publisher's headquarters was located in the Federal District and it was equally responsible for the edition of the magazines *Vida Doméstica* (1920 – 1963) and *Vida Juvenil* (1949 – 1959). The central hypothesis of this study is that this publication would follow a hybrid perspective. Thus, the general objective is to comprehend the magazine *Vida Infantil* and its composition: to amuse, to educate and to instruct. For that matter, the specific objectives are circumscribed: 1) Comprehend the discourses related to amusement, education and instruction of its readers; 2) Analyze the magazine editions from 1947 to 1950, focusing on the three potential elements present on the publications: to amuse, to educate and to instruct; 3) Comprehend, on one hand, the methods to amuse the small readers through the HQs and, on the other, understand manners of teaching the History of Brazil for children throughout the column *História do Brasil para Crianças*. The relevance of *Vida Infantil* to the research in History of Education may be justified by its dual role of spreading discourses and practices seeking amusement, education and instruction of the small readers, which matches the historical and cultural reflexions, for which the periodical press is considered to be a cultural latent evidence. In relation to the methodology used in this research, it is highlighted the documental investigation made in the Periodic Section and General Works of the Fundação Biblioteca Nacional (FBN), located in the city of Rio de Janeiro. Thus, the methodological exercise of the research was based on the critical analysis of the documental sources and on the literature review related to the theme: History of Education and of the Press.

Keywords: *Vida Infantil*. Magazine. Press. Reading.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 –	Página de aviso de <i>Vida Infantil</i>	23
Figura 2 –	Página do Diário Oficial com despacho referente à solicitação feita pela Sociedade Gráfica Vida Doméstica.....	24
Figura 3 –	Imagem ampliada do despacho referente à solicitação feita pela Sociedade Gráfica Vida Doméstica	25
Figura 4 –	Seção de <i>Correspondência</i> com a relação de lugares dos leitores.....	26
Figura 5 –	Nota de aviso ao leitor.....	28
Figura 6 –	Expediente e Seção <i>As Crianças Precisam Saber</i>	29
Figura 7 –	Seção Álbum Escolar: textos explicativos e HQ Pudim	30
Figura 8 –	Propaganda do Almanaque de <i>Vida Infantil</i> e <i>Vida Juvenil</i>	33
Figura 9 –	Expediente de <i>Vida Infantil</i>	40
Figura 10 –	Aviso da missa de 1 ano de Jesus Gonçalves Fidalgo.....	42
Figura 11 –	Aviso da missa de 7ª dia de Jesus Gonçalves Fidalgo	42
Figura 12 –	Destaque dos que pediram o anúncio sobre a missa de 7º dia de Fidalgo	43
Figura 13 –	Destaque dos que pediram o anúncio sobre a missa de 7º dia de Fidalgo	43
Figura 14 –	Destaque dos que pediram o anúncio sobre a missa de 1 ano de Fidalgo.....	44
Figura 15 –	Destaque dos que pediram o anúncio sobre a missa de 1 ano de Fidalgo.....	44
Figura 16 –	Propaganda de <i>Vida Infantil</i> no jornal <i>A Noite</i>	45
Figura 17 –	Imagem ampliada da propaganda de <i>Vida Infantil</i> no jornal <i>A Noite</i>	45
Figura 18 –	Capa de <i>Vida Infantil</i> (1948).....	49
Figura 19 –	Seção <i>Sua Página de Exercícios</i>	52
Figura 20 –	Seção <i>Sua Página de Exercícios</i>	53
Figura 21 –	HQ “Bonifácio”	57
Figura 22 –	HQ “Bil e Oscar”.....	58
Figura 23 –	HQ “Porcolino”	59
Figura 24 –	Tipos de balões em HQs.....	60
Figura 25 –	HQ “Salomão”	61
Figura 26 –	HQ “Lourolino e Remendado”	62
Figura 27 –	HQ “Paulinho e Nequinha”	62
Figura 28 –	HQ “Lourolino e Remendado”	63
Figura 29 –	Logotipo de “O Tico-Tico”, criado por Ângelo Agostini	65
Figura 30 –	HQ “Porcolino”	66

Figura 31 – HQ “Porcolino”	67
Figura 32 – HQ “Coronel Farofa”	73
Figura 33 – HQ “Lobinho e Rapozinho”	74
Figura 34 – HQ “Zé Pinguim”	76
Figura 35 – Página “Para Colorir”	78
Figura 36 – Brinquedo para colorir e montar	79
Figura 37 – Coluna “Testes e Brincadeiras”	80
Figura 38 – HQ “Lourolino e Remendado”	82
Figura 39 – HQ “Lourolino e Remendado”	83
Figura 40 – HQ “Lourolino e Remendado”	84
Figura 42 – “Álbum de História do Brasil”	85
Figura 41 – “História do Brasil para Crianças”	85
Figura 43 – HQ “Lourolino e Remendado”	86
Figura 44 – Ilustração da coluna <i>História do Brasil para Crianças</i>	86
Figura 45 – “Álbum de História do Brasil”	87
Figura 46 – HQ “Lourolino e Remendado”	87
Figura 47 – HQ “Lourolino e Remendado”	88
Figura 48 – Coluna “História do Brasil para Crianças”	96
Figura 49 – Fragmento da coluna <i>História do Brasil para Crianças</i>	97
Figura 50 – Ilustração de <i>História do Brasil para Crianças</i>	99
Figura 51 – Fragmento de <i>História do Brasil para Crianças</i>	100
Figura 52 – Fragmento de <i>História do Brasil para Crianças</i>	101
Figura 53 – Ilustração da coluna <i>História do Brasil para Crianças</i>	103
Figura 54 – Fragmento de História do Brasil para Crianças	105
Figura 55 – Ilustração da coluna <i>História do Brasil para Crianças</i>	106
Figura 56 – Coluna História do Brasil para Crianças	107
Figura 57 – Fragmento da coluna <i>História do Brasil para Crianças</i>	109
Figura 58 – “Álbum de História do Brasil”	111
Figura 59 – “Álbum de História do Brasil”	112
Figura 60 – “História do Brasil para Crianças”	113
Figura 61 – “Álbum de História do Brasil”	113
Figura 62 – HQ “Lourolino e Remendado”	114
Figura 64 – Álbum de História do Brasil	115
Figura 63 – Álbum de História do Brasil	115

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 –	Lugares de moradia de alguns leitores de <i>Vida Infantil</i> , segundo a seção de <i>Correspondência</i> (1949)	27
Quadro 2 –	Salário mínimo estabelecido para os municípios do Rio de Janeiro e o Distrito Federal	28
Quadro 3 –	Expediente de <i>Vida Infantil</i>	40
Quadro 4 –	Colunas temáticas publicadas em <i>Vida Infantil</i> , por nome e quantidade, nas edições de dezembro (1947-1950).....	46
Quadro 5 –	Quantidade de colunas temáticas por edição no mês de dezembro (1947-1950)	47
Quadro 6 –	Quantidade de páginas destinadas a cada tema por edição no mês de dezembro (1947-1950).....	47
Quadro 7 –	Quantidade populacional	54
Quadro 8 –	Quantidade de habitantes do Rio de Janeiro e do Distrito Federal segundo a instrução	54
Quadro 9 –	Temas Recorrentes nas HQs de <i>Vida Infantil</i>	71
Quadro 10 –	Títulos de livros com tema afim à coluna <i>História do Brasil para Crianças</i> ...	93

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1 A VIDA ESTAMPADA EM UM IMPRESSO INFANTIL	18
1.1 Sobre a revista <i>vida infantil</i>	18
1.2 O impresso periódico revista	31
1.3 Intelectuais em revista: o expediente de <i>vida infantil</i>	39
1.4 Sobre educar e instruir	49
2 PARA DIVERTIR: O QUE DIZIAM AS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS DE <i>VIDA INFANTIL?</i>	56
2.1 Aspectos históricos das histórias em quadrinhos	56
2.2 As HQs em <i>Vida Infantil</i> : temas e problemas	71
2.3 <i>Lourolino e Remendado</i> ensinam a história do brasil.....	81
3 PARA EDUCAR E INSTRUIR: A NARRATIVA HISTÓRICA E O ENSINO DE HISTÓRIA À LUZ DA COLUNA <i>HISTÓRIA DO BRASIL PARA CRIANÇAS</i>	90
3.1 Contexto histórico de produção da coluna	90
3.2 A História do Brasil que se contava para as crianças: entre aventuras, heróis e lições de moral.....	94
3.3 Para aprender, se divertir e guardar a História do Brasil: o <i>Álbum de História do Brasil</i>	111
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	117
REFERÊNCIAS:	120
APÊNCIDE - Fontes documentais	129

INTRODUÇÃO

A pesquisa realizada surgiu a partir dos estudos desenvolvidos no Grupo de Pesquisa Infância, Juventude, Leitura, Escrita e Educação (GRUPEEL)¹, no âmbito da Faculdade de Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Faço parte do grupo, coordenado pela prof^a Dr^a Márcia Cabral da Silva, do qual fazem parte mestrandos, doutorandos e bolsistas de Iniciação Científica, desde 2011, início da minha graduação em Pedagogia. Entrei no curso superior no segundo semestre de 2010 e, logo no primeiro semestre de 2011, me vinculei ao grupo de pesquisa. Inicialmente, tive dúvidas. Afinal, toda escolha é passível de dúvidas, receios e medos. Porém, hoje, oito anos depois, vejo que foi uma decisão importante e acertada ter entrado no curso de Pedagogia da UERJ e ter aceitado entrar, ainda que na condição de pesquisadora voluntária, na pesquisa em curso².

Ao longo da trajetória de bolsista de Iniciação Científica, pude desenvolver habilidades requisitadas a uma pesquisadora da História da Educação, aprendendo a consultar acervos, a elaborar artigos, a apresentar pôsteres e comunicações orais em congressos científicos da área. Ao final da graduação, apresentei a monografia de final de curso, cujo título foi “O feminino, a formação identitária e literária em *As Três Marias*, de Rachel de Queiroz (1939)”³, e no período da avaliação, recebi a indicação de continuar os estudos acadêmicos. Assim, segui a indicação e ingressei no mestrado.

De maneira diferente ao que havia pesquisado para a escrita da monografia – o feminino, a formação identitária e literária através de um romance escrito sob uma ótica memorialista –, para o mestrado, focalizei a pesquisa histórica por meio do impresso periódico, de média duração e voltado para um público específico: o infantil. Trata-se da revista *Vida Infantil*.

Vida Infantil foi uma revista publicada pela Sociedade Gráfica Vida Doméstica Ltda, no âmbito do Distrito Federal, à época, atual cidade do Rio de Janeiro, de 1947 a 1960. A Sociedade Gráfica Vida Doméstica tinha como fundador Jesus Gonçalves Fidalgo e era também responsável por outras duas revistas: *Vida Doméstica* (1920-1963) e *Vida Juvenil* (1949-1959).

¹ Grupo registrado no Diretório dos Grupos de Pesquisa no Brasil (DGP), vinculado ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

² Trata-se da pesquisa intitulada “Leituras para meninas e moças nas coleções da Livraria José Olympio Editora Fase I (1930-1950)”, de 2009 a 2012.

³ A monografia foi avaliada pela Prof^a Dr^a Ana Maria Bandeira de Mello Magaldi, a quem agradeço. Posteriormente, o estudo foi publicado pela Editora Novas Edições Acadêmicas.

De início, foi pensada a hipótese de se analisar as concepções de infâncias no âmbito da revista. Posteriormente, duas colunas de caráter instrutivo se sobrelevaram: *Sua Página de Exercícios* e *História do Brasil para Crianças*. O conteúdo de *Sua Página de Exercícios* se mostrava potente ao iluminar aspectos relativos à forma e à cultura escolar, compreendidos a partir dos estudos de Vincent; Lahire & Thin (2001); Julia (2001); Viñao Frago, (2008); Faria Filho *et alli*, (2004). Na época do Exame de Qualificação⁴, contudo, agregou-se a coluna *História do Brasil para Crianças* às análises, uma vez que teria ampla relação com os estudos que já estavam sendo desenvolvidos e contribuiria, ainda mais, com o campo da História da Educação.

Foram pesquisadas ambas as colunas, mas, ainda assim, a pesquisa sofreu mudanças. Percebeu-se que *Vida Infantil* tinha o objetivo de servir de canal de diversão e também de instrução. Logo, a hipótese de que se tratava de uma revista híbrida se constituiu e passou a ser a hipótese central da pesquisa. Entende-se por hibridismo o processo de mistura de dois ou mais elementos que dão luz a algum produto final. Indaga-se, então, se *Vida Infantil* poderia se enquadrar na condição de um impresso híbrido, uma vez que a sua composição se dá a partir de, no mínimo, dois elementos potentes: a diversão e a instrução.

Desse modo, a divisão dos capítulos foi feita de maneira a abarcar as diferentes composições da revista. No primeiro capítulo busca-se mapear a constituição de *Vida Infantil*, recorrendo ao seu fundador, aos seus editores e colunistas. Além disso, importa compreender no que consiste o suporte revista, focalizando suas especificidades, potências e fragilidades. Do mesmo modo, faz-se um investimento na compreensão dos intelectuais que compunham a revista, entendendo modos de articulação e a tessitura de redes de sociabilidade (GOMES, 2004; SIRINELLI, 2003). Ao final do capítulo, intenta-se compreender as divergências e as aproximações em relação aos termos “educar” e “instruir”, termos em evidência haja vista o lema da revista: “diverte – educa – instrui”⁵.

As análises do segundo capítulo giram em torno de estratégias de divertir e entreter o público, com especial enfoque nas Histórias em Quadrinhos (HQs). Para além das HQs, observam-se outros elementos de divertimento e entretenimento infantil, como brinquedos para colorir e montar e charadas, na condição de estratégias para seduzir os leitores. Ainda neste capítulo, é analisada mais de perto uma HQ intitulada *Lourolino e Remendado*, dois amigos sabichões que narram a História do Brasil, sob o movimento de narrar suas próprias

⁴ Agradeço as contribuições da Prof^ª Dr^ª Alexandra Lima da Silva por ocasião da qualificação.

⁵ Trata-se do subtítulo inserido em dezembro de 1948 nas capas de *Vida Infantil*, o qual dizia: “*Vida Infantil – Diverte, Educa, Instrui*”. Conferir a figura 18, na página 54.

memórias. Assim, busca-se compreender a produção desta HQ em conjunto com outras duas seções que também visavam focalizar a História do Brasil: *História do Brasil para Crianças* e *Álbum de História do Brasil*. As análises destas duas seções fazem parte do investimento do terceiro capítulo.

No terceiro capítulo, enfim, busca-se compreender o lado instrutivo da revista, tendo como principal enfoque a coluna *História do Brasil para Crianças*, entendendo-a como uma coluna central no âmbito desse periódico e potente para os campos onde se situam esta pesquisa: a História da Educação e a História do Impresso. Neste capítulo, é possível observar modos de se construir a narrativa histórica, sob o ponto de vista de uma revista infantil, ampliando a compreensão da História do Brasil que se observa em livros didáticos. Ademais, analisa-se a seção *Álbum de História do Brasil*, a qual funcionava de maneira relacional à coluna *História do Brasil para Crianças*.

Intenta-se, assim, mapear o hibridismo de *Vida Infantil* a partir de dupla análise: por um lado, identificam-se formas de divertir e entreter a criança à luz de algumas Histórias em Quadrinhos (HQs). Por outro, observa-se o caráter instrutivo da revista por meio de uma coluna específica: *História do Brasil para Crianças* e da seção *Álbum de História do Brasil*.

No que concerne à metodologia empregada, assinala-se que a pesquisa foi realizada no âmbito da Fundação Biblioteca Nacional, na seção de Periódicos. Neste acervo, foi possível ter acesso a quase todos os números da revista, o que pode ser considerado algo positivo para a pesquisa. Contudo, haja vista a grande quantidade de materiais e de conteúdos, a definição do recorte temporal e a delimitação da pesquisa se tornaram desafiadoras. Assim, o exercício metodológico desta pesquisa se pautou na análise das fontes documentais e na revisão de literatura que tratasse de temáticas afins, a saber História da Educação, História da Leitura e do Impresso.

Ainda que a definição do recorte temporal tenha sido de alguma complexidade, por conta da amplitude do material pesquisado, optou-se por focalizar nos anos de 1947, 1948, 1949 e 1950⁶. A escolha por esses quatro anos justifica-se por ser os quatro anos iniciais da revista (iniciada em novembro de 1947) e, tendo em vista que a partir de meados de 1951 a publicação passa a ser quinzenal, ponderou-se que aumentaria substancialmente o número de edições a serem analisadas, o que poderia fragilizar a pesquisa, haja vista o alargamento das análises e os limites desta dissertação.

⁶ Importante ressaltar as edições analisadas: Ano I, número 2, de 1947; Ano II, números 3, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, de 1948; Ano III, números 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, de 1949; Ano IV, números 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, de 1950. Os exemplares foram consultados na Seção de Periódicos da Fundação Biblioteca Nacional.

Com relação ao arcabouço teórico, para as análises realizadas no primeiro capítulo, Martins (2001), Catani & Bastos (2002), Hernández Díaz (2015) e Nóvoa (2002) foram relevantes para as discussões acerca do gênero impresso revista. Ademais, para se compreender os conceitos de redes de sociabilidade e a formação de intelectuais, Gomes (2004) e Sirinelli (2003) foram os autores mais recorridos. Em relação às discussões sobre “educar” e “instruir”, Faria Filho (1995) e Schueler (1997) foram os principais autores utilizados para se compor a narrativa.

No segundo capítulo, no que tocou à constituição das HQs e à sua relevância no âmbito do impresso, as discussões de Vergueiro & Santos (2008; 2013), Monfardini (2013), Rosa (2002) e Gonçalo Junior (2004) foram essenciais. Em relação às análises realizadas a respeito do ensino de História por meio de *Lourolino e Remendado*, recorreu-se a autores também relevantes no campo da História, como Albuquerque Júnior (2012) e Bittencourt (1993; 2003; 2008; 2018).

Já no terceiro capítulo, cuja discussão recaiu nas formas de se narrar e ensinar a História do Brasil para o público infantil, percebendo permanências e rupturas em sua composição ao longo dos quatro anos analisados e a concepção de História que se adotava, os estudos de Albuquerque Júnior (2012), Bittencourt (1993; 2003; 2008; 2018), Hansen (2007) e Gomes (2003) se fizeram de suma importância.

Alguns trabalhos que se relacionam à temática desta dissertação já foram produzidos, porém é importante lembrar que a pesquisa relativa à revista *Vida Infantil*, em si, é inédita no campo da História da Educação, o que acabou sendo um desafio para o seu desenvolvimento⁷. Assim, os principais estudos que ajudaram a embasar as análises e a construção metodológica foram a tese de doutorado de Patrícia Santos Hansen, intitulada “Brasil, um país novo: literatura cívico-pedagógica e a construção de um ideal de infância brasileira na Primeira República”, defendida em 2007, pela USP, e o artigo publicado em “Impressos e História da Educação: usos e destinos” (2008), organizado pelas professoras Ana Maria Bandeira de Mello Magaldi e Libânia Nacif Xavier. Tanto em sua tese quanto no artigo intitulado “‘A arte de formar brasileiros’: um programa de educação cívica nas páginas da revista O Tico-Tico” (2008), Hansen analisa o papel cívico-pedagógico da literatura e do impresso, o que nos ajuda a compreender, em partes, *Vida Infantil*, uma vez que se tratava de um periódico voltado para

⁷ Realizada uma busca no Banco de Teses e Dissertações da CAPES, às Redes de Biblioteca da UFRJ (Minerva), USP (Dedalus) e UERJ (Sirius), nos anais dos Congressos Brasileiros de História da Educação (2013 e 2015) e nos anais do VI Encontro Norte e Nordeste de História da Educação (2016), através das palavras-chave “vida infantil” e “revista vida infantil”, não foi encontrada referência ao periódico.

o público infantil e que focalizava na transmissão de conteúdos escolares, divertidos e educativos que circundavam a formação de sujeitos tidos como civilizados e de boa moral.

As discussões empreendidas por Fernanda Theodoro Roveri (SME/Campinas/SP) em sua tese de doutorado, “Criança, o botão da inocência: as roupas e a educação do corpo infantil nos ‘anos dourados’” (2014), e em seu artigo apresentado no *IX Congresso Brasileiro de História da Educação* (CBHE), em 2017, intitulado “A literatura infantil nas revistas da década de 1950: notas sobre o discurso recreativo” foram importantes para se pensar a infância e algumas produções voltadas para a criança, em especial o par formação e recreação.

Os estudos realizados por Liana Pereira Borba dos Santos⁸ (GRUPEEL/UERJ), parceira de Grupo de Pesquisa, têm sido relevantes para o desenvolvimento da pesquisa, principalmente no que tange às discussões sobre o gênero revista, conceitos acerca de crianças e infâncias, bem como da dimensão educativa do impresso. Sua dissertação de mestrado contribuiu com este estudo, uma vez que tratou de revistas femininas dos anos de 1950 e ela pesquisou a revista *Vida Doméstica* (1920-1963), a qual fazia parte do quadro de publicações da mesma editora responsável por *Vida Infantil*. Desse modo, examina-se o espaço de *Vida Infantil* naquele âmbito editorial em conjunto com *Vida Doméstica* e *Vida Juvenil* (1949-1959), ainda que com parte da periodicidade divergente. Da mesma forma, os artigos apresentados no *IX Seminário Internacional As redes educativas e as tecnologias* (2017), intitulado “‘A CAMINHO DA ESCOLA?’ Educação e direitos das crianças pequenas na revista *Pais & Filhos*” e no *IX Congresso Brasileiro de História da Educação* (2017), “Representações de leitor e de leitura na revista *pais & filhos* (1968-1989)” ajudaram a problematizar o espaço de atuação das revistas infantis na condição de dispositivos educativos e formativos. Apesar dos diferentes recortes temporais, a leitura dos trabalhos contribuiu com este estudo à medida que ajudou a compreender a metodologia utilizada, as análises privilegiadas e, mais especificamente, o modo de se operar com as fontes, isto é, com os periódicos, em especial, as revistas infantis.

Outrossim, o livro de Zita de Paula Rosa (2002), intitulado “*O Tico-Tico: meio século de ação recreativa e pedagógica*”, foi profícuo para as análises, uma vez que, nesta pesquisa, apresento discussões que se aproximam das de Rosa (2002), como no que concerne ao gênero revista, ao público-alvo, aos modos de se pensar e se produzir para esse público e pelas ações recreativas e pedagógicas empreendidas por *O Tico-Tico* e *Vida Infantil*.

⁸ Conferir, em especial, sua tese de doutorado. SANTOS, Liana Pereira Borba dos. *Infância e família em revista: Pais & Filhos* (1968-1989). Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018, 435f.

Por fim, este estudo se encontra organizado da seguinte forma: esta introdução, onde indico as motivações da pesquisa, os objetivos, a metodologia, os referenciais teóricos e os trabalhos afins; o capítulo 1, no qual discuto o gênero revista, os conceitos de redes de sociabilidade e intelectuais e apresento *Vida Infantil*; o capítulo 2, onde procuro refletir sobre a produção de Histórias em Quadrinhos no âmbito da revista e examino alguns elementos para divertir e recrear o público infantil; o capítulo 3, por meio do qual analiso a construção da narrativa histórica através da coluna *História do Brasil para Crianças* e *Álbum de História do Brasil*; e as considerações finais, onde retomo aspectos importantes discutidos ao longo da dissertação e indico possíveis investimentos futuros em relação à revista *Vida Infantil*.



1 A VIDA ESTAMPADA EM UM IMPRESSO INFANTIL

1.1 Sobre a revista *vida infantil*

A revista circulou no Brasil entre 1947 e 1960 e foi editada pela Sociedade Gráfica Vida Doméstica Ltda. De novembro de 1947 a junho de 1951, a revista circulava com uma periodicidade mensal; já a partir de julho de 1951 passou a ser quinzenal. A editora tinha sede no então Distrito Federal, a atual cidade do Rio de Janeiro, e era igualmente responsável pela edição das revistas *Vida Doméstica*⁹ (1920 – 1963) e *Vida Juvenil*¹⁰ (1949 – 1959). Como é possível perceber, há uma marca referente a essas publicações. Desse modo, cabe perguntar: como *Vida Infantil* compunha essa trilogia? Talvez como outro público que a editora buscava atingir e, possivelmente, fidelizar, para além da mulher, com *Vida Doméstica*, e do jovem, com *Vida Juvenil*?

Ainda nesse sentido, outra pergunta emerge: o que significa o uso do substantivo *Vida* ao nomear todas essas publicações? Segundo o Dicionário *Online* de Português, *Dicio*¹¹, *Vida* é o “conjunto dos hábitos e costumes de alguém; maneira de viver”. Tal assertiva permite pensar o porquê de se utilizar *Vida* nos títulos das revistas da editora (inclusive no próprio nome da sociedade gráfica): trata-se de um impresso que visava apresentar “hábitos e costumes” da infância, do jovem e da mulher, de modo a salientar e dialogar com a “maneira de viver” desses três grupos. Nesse sentido, Hallewell (1985) já apontava para a segregação dos grupos de consumidores por faixa etária, prática recorrente, à época, e que podia ser observada pelo número crescente de revistas e coleções que se dividiam tanto pela idade quanto pelo sexo.

Vida Infantil seguia um tipo de operação discursiva e editorial em relação ao seu público, haja vista as variadas seções voltadas para o exercício e o reforço de conteúdos vistos no ambiente escolar, como uma maneira de aprimorar a formação do sujeito pueril. Por isso, salienta-se que as representações observáveis na revista podem não abarcar a totalidade de seu público, mas representam algum nicho que se buscava atingir.

⁹ *Vida Doméstica* foi uma revista brasileira que circulou mensal (posteriormente, quinzenal e semanalmente), cuja sede se localizava no Rio de Janeiro e era voltada para o público feminino. Circulou no país entre 1920 e 1963. Mais informações, conferir em SANTOS, Liana Pereira Borba dos. *Mulheres e revistas: a dimensão educativa dos periódicos femininos Jornal das Moças, Querida e Vida Doméstica* nos anos 1950. Dissertação de mestrado em educação. Rio de Janeiro: Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2011.

¹⁰ *Vida Juvenil* carece de pesquisas. É possível afirmar, porém, que era editada pela Sociedade Gráfica Vida Doméstica, circulou mensalmente entre 1949 e 1959 e era voltada para adolescentes e jovens, de ambos os sexos.

¹¹ Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/vida/>>. Acesso em: 30 de abril de 2018.

O investimento que se fazia em torno do público infantil pode ser explicado pelo crescente cuidado e olhar generoso que se tinha em relação à criança, desde o início do século XX, em decorrência das “mudanças sociais em curso na passagem do século XIX para o XX”, as quais apontavam “para uma modernização da sociedade que, entre outras consequências, iria conferir posição de maior relevo às crianças” (ROSA, 2002, p. 46). Nesse sentido, Hansen (2008) advoga que essa mudança de olhar e o respectivo investimento, “não visava necessariamente à criança em sua singularidade e interesse próprio, mas sim aos interesses da coletividade: a família em primeiro lugar, e, em seguida, a nação. [Assim,] a criança transformava-se em um “ser social”, condição que a colocava, por assim dizer, para além da esfera familiar e de suas relações: a criança passava a ser “o futuro da nação e da raça, produtor, reprodutor, cidadão e soldado do amanhã” (PERROT, 1999, p. 148 *apud* HANSEN, 2008, p. 46). A preocupação que se tinha em se formar “o futuro da nação”, representado pela figura da criança, pode ser identificada em diversos investimentos discursivos no âmbito da revista, de maneira que a condição social na qual a criança se inseria, de cidadão e de soldado do amanhã se mostram latentes tanto nos espaços destinados à recreação do seu público quanto nos espaços que mais se aproximam de uma configuração didática e pedagógica.

Focaliza-se, então, os dois principais elementos de constituição da revista, a saber: entretenimento/diversão, por meio de Histórias em Quadrinhos e piadas e instrução, identificada em algumas colunas, mais especificamente a coluna *História do Brasil para crianças*. A educação perpassa ambos os espaços. O próprio lema da revista se pautava na tríade “divertir, educar e instruir”, o que corrobora a ideia de formação completa do petiz, indo ao encontro do que se entende por hibridismo.

Em vista disso, intenta-se compreender o caráter híbrido da revista, à luz, em especial, de algumas Histórias em Quadrinhos (HQs) e da coluna *História do Brasil para Crianças*, cujas análises poderão ser observadas ao longo dos segundo e terceiro capítulos, respectivamente. Busca-se, assim, perceber modos de se educar e instruir a infância por meio de discursos que fossem divertidos, suaves e, por vezes, jocosos, fosse por meio da HQ ou da coluna em destaque.

Uma vez que *Vida Infantil* apresentava um viés educativo e instrutivo que se destacavam, examinar o conceito de imprensa periódica educacional torna-se essencial com vistas a se compreender se essa revista poderia se enquadrar nessa modalidade de imprensa e quais seriam os limites e alcances da revista segundo a definição de imprensa periódica educacional. Assim, Catani e Bastos (2002) sinalizam que

A imprensa periódica educacional – feita por professores para professores, feita para alunos por seus pares ou professores, feita pelo Estado ou outras instituições (sindicatos, partidos políticos, associações e Igreja), contém e oferece muitos dados básicos para a compreensão da História da Educação e do Ensino.

A imprensa educacional, segundo Pierre Ognier, é um corpus documental de vastas dimensões pois constitui-se em testemunho vivo dos métodos e concepções pedagógicas de uma época e da ideologia moral, política e social de um grupo profissional. [...] Nessa perspectiva, torna-se um guia prático do cotidiano educacional e escolar, permitindo ao pesquisador estudar o pensamento pedagógico de um determinado setor ou de um grupo social a partir da análise do discurso veiculado e da ressonância dos temas debatidos, dentro e fora do universo escolar. (2002, p. 5, grifos meus)

Com a finalidade de contribuir com os estudos da área da História da Educação, pode-se analisar *Vida Infantil* em uma dupla entrada: primeiro, como uma revista de cunho educacional feita por outras instituições sociais, nos moldes das elencadas pelas autoras, cujo um dos seus objetivos era o de educar e instruir as crianças, não só do antigo Distrito Federal, mas também de outros estados, como São Paulo, Espírito Santos, Santa Catarina e Rio Grande do Sul – fato percebido na ampla circulação da revista em outras cidades e estados brasileiros, identificável nas colunas de correspondência¹². Segundo, como uma revista não-pedagógica, mas que visava abarcar diversas temáticas de conteúdo, desde os conteúdos escolares até os conteúdos mais divertidos. Analisa-se dessa forma, então, *Vida Infantil*: a partir de sua dupla entrada, que, às vezes, recai numa revista de cunho educacional; e, às vezes, numa revista não-pedagógica, efetivamente, mas apenas de “ação pedagógica” combinada com uma “ação recreativa”¹³.

Dessa maneira, de acordo com a defesa de Catani e Bastos (2002), os materiais relativos à imprensa educacional são materiais que respondem a uma ideologia moral, política e social, a qual pode ser identificada, também, nas concepções pedagógicas, nos discursos e nos debates educacionais. A revista se apresenta, portanto, como um observatório das concepções ideológicas e pedagógicas às quais responde e se insere. Mesmo que se trate de um instrumento que se localiza fora do universo escolar, sua potência para pensar o próprio universo escolar é grande e é, a partir desse ideário, que se intentará observar forma escolar¹⁴ e cultura escolar¹⁵, à época, assim como o que se observava como ideário social e pedagógico.

¹² Trata-se da seção de *Correspondência*, identificada na edição de dezembro de 1949, a qual trazia o nome do aluno, a escola onde estudava, o endereço residencial, a cidade e o estado de moradia. Nesta edição, alguns dos estados identificados foram São Paulo, Espírito Santo, Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

¹³ Utilizo os termos que compõem o título do livro de referência de Zita de Paula Rosa, intitulado *O Tico-Tico: meio século de ação recreativa e pedagógica* (2002), por concordar com tais termos.

¹⁴ Segundo Vincent; Lahire & Thin (2001), forma escolar recai no estudo da configuração da unidade escolar em determinado tempo e espaço histórico. Os autores defendem que pensar a forma escolar engloba dois aspectos: a forma como se delineia a escola num tempo e espaço específico e a “formação” dessa unidade, a qual apresenta regras únicas e específicas e uma constituição organizada e “amarrada” (p. 10). Ademais, torna-se

Na visão de Nóvoa (2002), os periódicos da área da educação e do ensino se apresentam como materiais importantes com vistas a se entender o campo educativo, de modo que, além de importarem características deste campo, “manifestam a maior parte das ‘vozes’, dos projectos, dos anseios e das realidades dos diversos actores” (p. 11). Ainda de acordo com o autor, “a análise da imprensa permite apreender discursos que articulam práticas e teorias, que se situam no nível *macro* do sistema mas também no plano *micro* da experiência concreta” (p. 11, grifos do autor). Assim, *Vida Infantil* poderia ser lida como um periódico da área da educação e do ensino que ilumina elementos importantes para se compreender o campo educativo, em especial no que contempla as vozes dos editores e colunistas (parte dos *diversos atores* evidenciados por Nóvoa) no que concerne ao que seria considerado bom, de qualidade e recomendável para o público infantil.

Ainda segundo o autor, “a imprensa é o melhor meio para apreender a multiplicidade do campo educativo”, de maneira que mesmo que não esteja no âmbito escolar, especificamente, apresenta elementos que possibilitam analisar a escola e suas derivações, como currículo, programas, cursos, etc, principalmente se considerarmos a coluna de História do periódico aqui analisado. O autor ainda advoga que:

De facto, a imprensa revela as múltiplas facetas dos processos educativos, numa perspectiva interna ao sistema de ensino (cursos, programas, currículo, etc), mas também no que diz respeito ao papel desempenhado pelas famílias e pelas *diversas instâncias de socialização das crianças e dos jovens*. (Nóvoa, 2002, p. 13) (grifos meus)

Vida Infantil poderia, assim, ser alinhada a essas diversas instâncias de socialização das crianças e dos jovens, tal como defendido por Nóvoa (2002), visto que seria capaz de revelar elementos relativos aos processos educativos de acordo com o sistema de ensino em voga.

Além dessa característica relativa ao periódico, Nóvoa (2002) ainda afirma que “a imprensa é o lugar de uma afirmação em grupo e de uma permanente regulação coletiva”. A proposição do autor nos leva a pensar nas condições de produção de *Vida Infantil*, realizada em grupo, na companhia de diversos intelectuais que assinavam as colunas, como, por

importante considerar, antes de tudo, que a forma escolar se trata de uma escolha social em torno de um modo de socialização em detrimento de outro(s) modo(s) de socialização (p. 11).

¹⁵ O conceito de cultura escolar, conforme discutido por Julia (2001) e Faria Filho et al (2004), incide sobre um conjunto de normas e práticas realizadas numa unidade de configuração escolar, que respeita determinado tempo e espaço e a finalidade para a qual foi inculcada. Ao se considerar a instituição escolar, é possível pensar nos diversos contextos aos quais tal instituição já foi submetida, e que respeita a demanda da época da qual faz parte, seja para a igreja ou para o estado, seja num contexto de resistência ou de apoio ao sistema em voga, seja como dispositivo de mudanças ou de continuidades.

exemplo, os professores responsáveis pelas colunas pedagógicas¹⁶. Ademais, convém considerar que a regulação salientada por Nóvoa é aquela realizada pelo público consumidor, pelas outras revistas e pelos intelectuais contemporâneos, os quais, com frequência, julgam e fazem críticas ao material periódico. Assim, o que é apresentado e defendido pela revista pode ser alvo de debates, discussões, críticas e conflitos – elementos intrínsecos à realidade de um periódico.

Já na visão de Hernández Díaz (2015),

El sintagma “prensa pedagógica” en nuestros días acoge un amplio espectro de publicaciones educativas y pedagógicas que superan con holgura el espacio [...] que ocupa todo aquello que se relaciona con el sistema escolar y las instituciones, establecimientos, agentes e iniciativas que conforman su reconocida complejidad. Existen y funcionan con vitalidad en nuestras sociedades contemporáneas muchas otras instituciones, programas, agentes del ámbito educativo que generan publicaciones periódicas que atañen a asuntos educativos y pedagógicos [...] que preceden o se sitúan al final de una acción educativa dentro del sistema escolar, para atender aspectos concretos de la formación de distintos sectores de edad y condición (niños, jóvenes, mujeres, adultos, tercera edad) [...]. Todas estas producciones de publicaciones periódicas deben ser incluidas, sin duda conceptual alguna, en el capítulo de la prensa pedagógica, siempre que al analizarlas en ellas se advierta un peso significativo y dominante de la faceta educativa. (p.13-14)

À vista disso, é possível se associar ao conceito de imprensa pedagógica todo tipo de publicação educativa e pedagógica que se relacione, direta ou indiretamente, ao sistema escolar e de ensino, podendo ser um periódico institucional ou elaborado por agentes e iniciativas que assumam a complexidade envolvida nesse processo. O autor ressalta, inclusive, que existem diversos instrumentos pedagógicos – que não apenas os oficiais – de cunho educativo e pedagógico, que visam atender a públicos específicos de formação, como, por exemplo, a criança – público-alvo em potencial de *Vida Infantil*.

É possível, então, estabelecermos associação com esta revista, embora não se tratasse efetivamente de uma revista pedagógica, uma vez que era realizada por editores que não faziam parte do âmbito estrito da educação (a maioria era jornalista). Ademais, não foi uma revista elaborada para circular nas escolas (apesar da sua hipotética circulação em escolas da rede pública do Distrito Federal¹⁷), entre outros argumentos que aqui poderíamos elencar para discutir *Vida Infantil* sob sua dupla entrada, isto é, na condição de revista pedagógica e na condição de revista de *ação* pedagógica.

Hernández Díaz (2015) finaliza sua argumentação alegando que todas essas produções periódicas de teor educativo e pedagógico poderiam, sim, ser incluídas no conceito de

¹⁶ Destacam-se os professores Carlos Marinho de Paula Barros, Malba Tahan. Lúcia Miguel Pereira, Mello e Souza e Neusa Freire de Brito.

¹⁷ A esse respeito, conferir as páginas 34, 35, 36 e 37.

imprensa pedagógica, contanto que seu teor educativo e pedagógico seja forte e potente, e a depender da análise proposta pelo pesquisador. Nesta dissertação, contudo, não cabe dicotomizar *Vida Infantil*, reduzindo-a. Cabe, por outro lado, pensá-la como uma publicação que circulava por espaços sociais diversos e que, portanto, apresentava colunas e estratégias discursivas também diversas. Além disso, é legítimo considerar que suas rupturas e seus deslocamentos são fruto das rupturas e dos deslocamentos em âmbito histórico e social. Não cabe, então, reduzi-la a condição apenas de revista pedagógica ou apenas a revista de ação pedagógica, podendo observá-la sob esses dois vieses, de modo a enriquecer a análise.

Note-se, ainda, a existência de evidências que mostram que os editores de *Vida Infantil* fizeram uma solicitação à prefeitura do Distrito Federal, pedindo que a revista tivesse livre circulação nas escolas de ensino primário da antiga capital federal:

Figura 1 – Página de aviso de *Vida Infantil*¹⁸

Estudem, crianças, e ganhem os
PRESENTES DE ESTÍMULO ESCOLAR
que lhes oferece

VIDA INFANTIL

AJUDE-NOS DEDICADA MESTRA, A DISTRIBUIR ESTES
PRESENTES COM JUSTIÇA !

VIDA INFANTIL é revista aprovada pelo Centro de Pesquisas Educacionais da Prefeitura do Distrito Federal. Pelo despacho publicado no Diário Oficial de 18 de Setembro de 1948 — pág. 6588, o Exmo. Sr. Secretário de Educação do Distrito Federal concedeu a esta revista livre circulação nas escolas primárias, e que a transformou num elemento auxiliar didático. Pelo exemplo do ocorrido no Distrito Federal, é nosso desejo que esta revista possa ser utilizada nas escolas primárias de todo o Brasil, auxiliando as exmas professoras no importante mister de ensinar as crianças brasileiras.

Cada mês a seção SUA PÁGINA DE EXERCÍCIOS, organizada pela mestra HENRIQUETA GOULART DA GRAÇA, oferece às professoras exercícios para uma determinada série do curso primário, os quais deverão ser aproveitados como elemento para uma aula.

Não é exigido que a utilização da matéria seja feita no mês da publicação. Em qualquer tempo a professora poderá dar uma aula com a referida página, bastando que ela faça os alunos colarem os símbolos publicados no mesmo número, no caso de não ser utilizada a página impressa. Com isto facilitamos às professoras, pois elas poderão se utilizar dos exercícios publicados durante as férias e mesmo em qualquer outro mês.

A mestra fará a correção dos exercícios de seus alunos, e nos enviará, todos eles, com a determinação dos 1º, 2º e 3º classificados que receberão, de VIDA INFANTIL, os PRESENTES DE ESTÍMULO ESCOLAR, que constam de livros de histórias e material escolar, tal como lápis de cor, borracha de apagar, estôjo para lápis, compassos, cadernos, etc.

Publicamos em cada mês 4 símbolos para que sejam oferecidos aos alunos que não tenham podido comprar a revista. Assim toda a classe deverá se candidatar aos PRESENTES DE ESTÍMULO ESCOLAR da seção SUA PÁGINA DE EXERCÍCIOS.

SUA PÁGINA DE EXERCÍCIOS
distribui
PRESENTES DE ESTÍMULO ESCOLAR

Dezembro 1949 Dezembro 1949 Dezembro 1949 Dezembro 1949
5ª Série 5ª Série 5ª Série 5ª Série

VIDA INFANTIL é revista aprovada pelo Centro de Pesquisas Educacionais da Prefeitura do Distrito Federal. Pelo despacho publicado no Diário Oficial de 18 de Setembro de 1948 — pág. 6588, o Exmo. Sr. Secretário de Educação do Distrito Federal concedeu a esta revista livre circulação nas escolas primárias, e que a transformou num elemento auxiliar didático. Pelo exemplo do ocorrido no Distrito Federal, é nosso desejo que esta revista possa ser utilizada nas escolas primárias de todo o Brasil, auxiliando as exmas professoras no importante mister de ensinar as crianças brasileiras

Fonte: *Vida Infantil*. Nº 26, dez/1949. Depositário: Fundação Biblioteca Nacional (FBN)

¹⁸ Não foram localizadas informações precisas a respeito do Centro de Pesquisas Educacionais da Prefeitura do Distrito Federal. É possível inferir, contudo, que se trata de um Centro de Pesquisas vinculado ao Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos, Instituto criado em 1937, inicialmente, sob o título de Instituto Nacional de Pedagogia.

O despacho publicado no Diário Oficial indicado na página anterior refere-se ao documento apresentado na figura 3:

Figura 2 – Página do Diário Oficial com despacho referente à solicitação feita pela Sociedade Gráfica Vida Doméstica

6588 Sábado 18 **DIÁRIO OFICIAL (Seção II)** **Setembro de 1948**

De ordem do Sr. Secretário Geral, levo ao vosso conhecimento que, de acordo com a Circular número 30, de 10 de setembro corrente, do Senhor Secretário Geral de Administração, a Inspeção de Alfândega do Rio de Janeiro, por ofício n.º 4.930, de 24 de agosto p. passado, comunicou a esta Prefeitura haver resolvido aplicar a firma Skyways International Trading Transport Co., estabelecida a rua da Alfândega n.º 133, nesta C. a sanções previstas no Decreto-lei n.º 5 de 13 de novembro de 1937.

Distrito Federal, 16 de setembro de 1948. — *Pedro Calheiros Bonfim* — Assistente.

RETIFICAÇÃO DE PUBLICAÇÃO

Boletim n.º 193 — Expediente do dia 9-9-48 — Termo de responsabilidade que assina Eduardo Augusto Chiarra da Silva Garcia, para a realização da Temporada Lirica de 1948, no Teatro Municipal — Cláusula IV — Onde se lê: Deverão ser aproveitados, obrigatoriamente, elementos... Leia-se: Deverão ser aproveitados, obrigatoriamente, elementos nacionais de comprovada idoneidade artística, a critério do Diretor Artístico da Temporada e ouvida a Comissão Artística Cultural do Teatro Municipal. Cláusula IX — Onde se lê: As cadernetas ou cartões de assinatura... Leia-se: As cadernetas ou cartões de assinatura... Onde se lê: O Empresário também poderá rubricar as cadernetas e os cartões de assinatura... Leia-se: O Empresário também poderá rubricar as cadernetas e os cartões de assinatura... Onde se lê: No caso de interrupção dos espetáculos de assinatura... Onde se lê: bem como o pagamento dos direitos autorais ficarem sob a responsabilidade de partir desta data, o Sr. Walter... Leia-se: bem como o pagamento dos direitos autorais ficarem sob a responsabilidade exclusiva do Empresário que nomeia a partir desta data, o Sr. Walter Mocchi para exercer as funções, digo, exercer a função de Diretor Artístico da Temporada. Cláusula XI — Onde se lê: Os funcionários que integram os seus corpos... Leia-se: Os funcionários do Teatro Municipal e os elementos que integram os seus corpos estáveis, receberão os seus vencimentos e as gratificações a que fizerem jus, na forma da lei vigente e tendo em vista o que dispõe a cláusula sexta (VI) desta Lei. Cláusula XII — Onde se lê: de conformidade com o que dispõe a legislação em vigor — Leia-se: de conformidade com o que se dispõe na legislação em vigor. Onde se lê: e seis (6) de agosto de mil novecentos e quarenta e oito — Leia-se: de vinte e seis (26) de agosto de mil novecentos e quarenta e oito. Onde se lê: Assistente da Secretaria Geral de Educação e Cultura — Leia-se: Assistente da Secretaria Geral de Educação e Cultura. Onde se lê: Maria Magdalena da Gama Oliveira — Leia-se: Maria Magda da Gama Oliveira.

Boletim n.º 198 — Expediente do dia 1-9-48 — Onde se lê: Ondina Pires da Silva Muricy, matrícula 39 561 — Leia-se: Ondina Pires da Silva Muricy, matrícula 03.361.

Boletim n.º 197 — Expediente do dia 31-8-48 — Despacho da Sra. Chefe do P. S. E.: Onde se lê: Restituam-se mediante recibo — Leia-se: Restituam-se mediante traslado. O número do Boletim que acompanha o expediente do dia 19-8-48 é 187 (omitido). Omissão: Secretaria Geral de Educação e Cultura — Boletim n.º 196 — Expediente do dia 30 de agosto de 1948.

Boletim n.º 211

Expediente de 17 de setembro de 1948

ATOS DO SECRETÁRIO

Portarias de 16 de setembro

N.º 840: O Secretário Geral de Educação e Cultura resolve designar o

classe N — Leonel Gonzaga Pereira da Fonseca matrícula 4.326, para ministrar o Curso de Higiene Infantil organizado, no Instituto de Educação para aperfeiçoamento de professores de curso primário de acordo com o artigo 5.º do Dec. 8.605-A, de 31 de agosto de 1946.

N.º 841: O Secretário Geral de Educação e Cultura resolve designar para o Departamento de Educação Técnico Profissional de ensino técnico (curso básico) padrão K, interino — Nelson Barros, matrícula n.º 60.478.

DESPACHOS DO SECRETÁRIO

A Sociedade Gráfica Vida Doméstica Ltda. — Defiro, de acordo com os pareceres.

DESPACHOS DA SRA. CHEFE DO P. S. E.

Zilah Salin — Renina Katz — Completo o ato.

Isolina Sousa Fernandes — Certificado-se o que constar.

EXIGENCIAS DA SRA. CHEFE DO P. S. E.

Maria do Rosário Freitas de Miranda — Compareça para esclarecimentos.

Retificação de publicação:

Boletim n.º 206 — Expediente do dia 13-9-48 — Ato do Sr. Secretário Portaria n.º 819. — O Secretário Geral de Educação e Cultura resolve designar para o Departamento de Educação Primária o servente classe D — José de Sousa, matrícula 30.585 e não como saiu publicado.

Serviço de Administração

Expediente de 16 de setembro de 1948

SETOR A

Edifício Andorinha — Sala 720.

Exigências: Sebastião Ribeiro de Miranda — Compareça para esclarecimentos.

Departamento de Educação Artística

Expediente de setembro de 1948

DIRETOR

Do curso primário: Maria de Miranda, matrícula n.º 1.065 — para a escola 8.º Passos (3.ª Zona), arada pelo art. 51) D.: Alice Ferreira, matrícula n.º 60.369 — Deodoro, núcleo 2.342.

Constituição de Sousa — matrícula n.º 3.340. — matrícula n.º 17-13 núcleo 8.343. — matrícula n.º 9.343. — matrícula n.º 9.343.

1 — matrícula n.º de curso primário: escola 8-9 Honório núcleo 8.355 para im Manuel de Matos, núcleo 9.339.

2 — trabalho — matrícula n.º 6-5 Almirante, escola 2-5 General Trom, núcleo 3.333. — matrícula n.º 5.º D. E. — matrícula n.º 14.921 — da escola 6-14 Alfr. Csário Alvim, núcleo 9.997 para escola 20-13 Getúlio Vargas, núcleo 8.333.

Retificação:

O amparo do professor de curso primário — Lery Magalhães Ribeiro da Costa — matrícula n.º 23.069 é até 6-12-43 e não como saiu publicado no Bol. 154, de 11-8-48.

Expediente de 17 de setembro de 1948

Boletim n.º 182

ATOS DO DIRETOR

Designações: Dos professores de curso primário: Olga Luz — matrícula n.º 26.867 — para responder pelo expediente da escola 1-18 Professor Coqueiro (1.ª Zona-2R), núcleo 0.32. — Heloisa Maria Leal da Silveira — 14-8 Medeiros e Albuquerque (2.ª Zona-DA), núcleo 6.334, (de acordo com matrícula 36.819 — para a escola o art. 49). — Maria Helena Bastos — matrícula n.º 34.176 — para a escola 1-11 Conde de Agrolongo (2.ª Zona-DA), núcleo 7.360, (de acordo com o art. 49). — Sarmiento (3.ª Zona) núcleo 8.333 para Servantes Cl. D. — Benedito José de Freitas — matrícula n.º 25.670 — para a escola 6-14 Alfr. Csário Alvim, núcleo 0.367. — Natanael Rodrigues da Costa — matrícula n.º 60.409 — para a escola 16-8 Duque de Caxias, núcleo 6.360. — Ivone Sampaio Gonzaga — matrícula n.º 60.001 — para a escola 16-10 São Salvador, núcleo 8.353.

Remoções:

Dos professores de curso primário: Maria Antonieta Paria de Brito — matrícula 32.352 — da escola 12-8 Sarmiento (3.ª Zona) núcleo 8.333 para a escola 16-8 Guatemala (2.ª Zona-DA), núcleo 9.239 e desta para aquela o professor de curso primário, matrícula n.º 33.840 — Olga de Oliveira Pereira, por permissão, proposta pelo Sr. Chefe do 2.º D. E. — Do trabalhador ref. 14: Eugénia Toste Costa — matrícula n.º 7.764 — da escola 4-2 Canadá, núcleo 5.945 para a escola 14-2 Castel Dodswoth, núcleo 3.343, por proposta da Sra. Chefe do 2.º D. E.

ORDEM DE SERVIÇO N.º 53

Srs. Chefes do 1.º ao 11.º Distritos Educacionais: Solicito-vos as providências necessárias, no sentido de ser indicado pelos diretores das escolas sob vossa jurisdição, um professor de curso primário (por escola e por turno), a fim de colaborar com o Setor de Orientação Preventiva e Assistência Social, no trabalho de orientação e consequente encaminhamento dos alunos de 4.ª e 5.ª séries.

Outrossim, os professores designados, preferentemente os que fizeram ou estão fazendo os cursos de Observação Pedagógica e Serviço Social, deverão comparecer, no dia 23 do corrente, às 14.30 horas, ao Edifício Andorinha, à Av. Alde. Barroso, 81 — 2.º andar.

Departamento de Educação Técnico-Profissional

Expediente de 16 de setembro de 1948

Boletim n.º 158

Apresentação: Do professor de ensino técnico — curso básico — padrão K — interino — Alfr. Csário Alvim — matrícula 08.329 — em 15-9-48.

ATOS DO DIRETOR

Designação: Do professor de ensino técnico — curso básico — padrão K — interino — Alfr. Csário Alvim — matrícula 08.329 — para ter exercício na E. T. "João Alfredo", núcleo 6.260.

Remoção:

Do inspetor de alunos — padrão F — Oda Correia de Menezes — matrícula 1.430 — da E. T. "Rivadavia Correia", núcleo 3.260 para a E. T. "Orsina da Fonseca", núcleo 5.261.

Despachos:

Maria Amélia Figueiró Bebera — nome Demônio, Boiteira, matrícula n.º 20.834 com efeito a partir de 17 de maio de 1947.

Expediente de 17 de setembro de 1948

Boletim n.º 159

Apresentações:

Do professor de ensino técnico — curso básico — padrão K — interino — Alcides Salses — matrícula 60.488 — em 16-9-48.

Do professor de ensino técnico — curso básico — padrão K — interino — Eudino Batista de Freitas — matrícula 60.464 — em 16-9-48.

Do professor de ensino técnico — curso básico — padrão K — interino — Jorge Duarte — matrícula 60.447 — em 16-9-48.

ATOS DO DIRETOR

Designação:

Do professor de ensino técnico — curso básico — padrão K — interino — Alcides Salses — matrícula 60.488 — para ter exercício na E. T. "Spusa Aguiar", núcleo 3.261.

Remoção:

Do escriturário — referência 23 — Mira Gurgel Guimarães Silva — matrícula 34.663 — da E. T. "Spusa Aguiar", núcleo 3.261 para a E. T. "Amaro Cavalcanti", núcleo 3.263.

Despachos:

Ana de Oliveira e Silva. — Registre-se, providenciamente. — Glória Gonçalves Silveira. — Faça-se a apostila, à vista das informações.

Alceia Vellica Pellione, Fernando César da Cunha Bastos, Maria das Dores Rodrigues Puell, Mariana Cruz Martins, Pantilha Jacob (mãe Luísa), Valérie Edite Estill. — Autorizo, devendo, porém, a requerente legalizar sua situação em época oportuna.

Serviço de Correspondência

EXIGENCIAS DO CHEFE

Maria José Campilho. — Compareça a requerente. — Norman Argento. — Compareça a requerente trazendo certidão de nascimento para ser conferida com a pública forma.

Departamento de Educação Complementar

Expediente do dia 17 de setembro de 1948

Boletim n.º 46

ATOS DO DIRETOR

Dispensa:

Do Professor de Curso Secundário — Olga Behring Pohlmann, matrícula 02.961 — das funções de orientador do ensino de música e canto orfeônico no 16.º Distrito Educacional.

Designações:

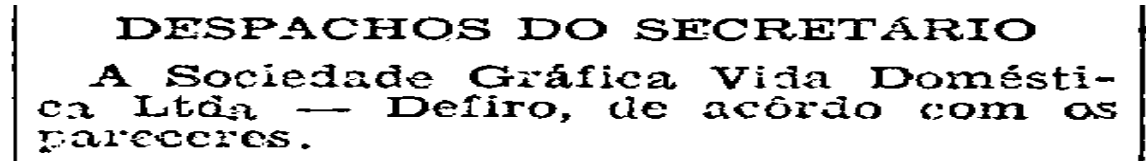
Do Professor de Curso Secundário — Olga Behring Pohlmann, matrícula 02.961 e do Professor do Curso Primário — Aixa de Queiroz Carvalho, matrícula 33.004 — para orientarem o ensino de música e canto orfeônico no 4.º e 16.º Distritos Educacionais, respectivamente, continuando lotados, para fins de exercício, no Serviço de Educação Musical e Artística (3EC), núcleo 1.280.

Do Corista, referência 31 — Tracema Cardoso Buzzi, matrícula 39.821 — para auxiliar o ensino de música e canto orfeônico nas Escolas 3-1 "Tiradentes" e 4-1 "República da Colômbia", continuando lotado, para fins de exercício, no Serviço de Educação Musical e Artística (3EC), núcleo 1.280.

Dos Professores de Curso Primário, abaixo relacionados, para exercerem as funções de encarregados do Centro de Cívico e Intercâmbio da Escola 15-10 "Pelé Pacheco", núcleo 8.351, tendo em consideração os termos do ofício n.º 89, de 31-8-48, da Sra. Diretora do referido estabelecimento de ensino, endossados pelo Sr. Chefe do 16.º Distrito Educacional: — Thome Demônio, Boiteira, matrícula 20.834 com efeito a partir de 17 de maio de 1947.

Fonte: Vida Infantil. N.º 11, set/1948. Depositário: Diário Oficial

Figura 3 – Imagem ampliada do despacho referente à solicitação feita pela Sociedade Gráfica Vida Doméstica



Fonte: *Vida Infantil*. Nº 11, set/1948. Depositário: Diário Oficial

O prefeito do Distrito Federal, à época, era o General de Divisão Angelo Mendes de Moraes e seu mandato compreendeu os anos de 1947 e 1951¹⁹. Já o secretário geral de educação e cultura, responsável pelo deferimento da solicitação dos editores de *Vida Infantil*, era o Professor Clovis Monteiro²⁰.

Como se observa, o pedido feito pela Sociedade Gráfica Vida Doméstica Ltda foi deferido, o que, ao cruzar as fontes, parece indicar que *Vida Infantil*, de fato, teve, ou poderia ter livre circulação nas escolas primárias do Distrito Federal, caso fosse adotado pelas escolas²¹. Além disso, outro fato chama a atenção e corrobora o que já foi dito aqui: os editores da revista almejavam ampliar, cada vez mais, o alcance da revista em âmbito nacional. Tal desejo pode ser confirmado, por exemplo, por meio da seção de *Correspondência*, a qual apresentava as respostas dos estudantes para as perguntas feitas em algumas colunas, como *Sua página de exercícios* e *Testes e Brincadeiras* e, nesse momento, indicava a cidade e o estado, em alguns casos, e o endereço e a escola²², em outros casos.

¹⁹ Foi durante a sua gestão que foi construído o Colégio Estadual Prefeito Mendes de Moraes, localizado na Ilha do Governador, Rio de Janeiro, que ainda se encontra em funcionamento; a Universidade do Distrito Federal, criada a partir da promulgação da lei municipal nº 547, de 1950; e o Estádio do Maracanã, inaugurado em 1950. Mais informações em:

<https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas2/biografias/angelo_mendes_de_morais>. Acesso em: 12 de abril de 2018.

²⁰ Trata-se de um filólogo e professor catedrático do Colégio Pedro II. Atuou como professor da disciplina “Língua e Literatura Luso Brasileira”, junto à Universidade do Ar, em 1943. Foi autor de algumas obras: *Traços do Romantismo na poesia brasileira* (1929); *Fundamentos clássicos do português do Brasil* (1958); *Português da Europa e Português da América* (1959); e *Nova antologia brasileira* (1963). A esse respeito, conferir *A Noite*, Edição 15785, 2 de dezembro de 1957; Relatório de Pesquisa orientado pela Profª Drª Patrícia Coelho (PUC-Rio), 2015.

²¹ Embora tenha havido o esforço de encontrar evidências da circulação de *Vida Infantil* nas escolas do Distrito Federal, por meio de pesquisas realizadas nos acervos do Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro e do Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro, não foram encontradas evidências suficientes para comprovar sua circulação. Contudo, é válido salientar que em algumas edições da revista, na seção de *Correspondência*, foi possível encontrar os nomes das escolas nas quais houve suposta circulação de *Vida Infantil*. Não houve a possibilidade, porém, de ir às escolas ratificar a circulação, haja vista os limites deste estudo. Trata-se, assim, de possível investimento futuro.

²² Como exposto na nota anterior, ainda que houvesse a indicação das escolas onde o circulava *Vida Infantil*, não houve comprovação de sua circulação.

Figura 4 – Seção de *Correspondência* com a relação de lugares dos leitores

Abaixo a relação dos leitores que enviaram solução para o PROBLEMA. Chamamos a atenção dos nossos amiguinhos leitores para que não deixem de colar o símbolo na resposta:

Paulo Henrique Ferraz — Distrito Federal.
Loretta Rastelli Ramos — Distrito Federal.
Laerte Bergamo Stapani — São Paulo.
Neuza Carvalho — São Paulo.
Olga Del Vigna — São Paulo.
Warner Zambrini — São Paulo.
Antonio de Jesus — Distrito Federal.
Walfrido Fonseca — Minas Gerais.
Aldalio de Moura e Silva — Distrito Federal.
Guilherme Quintanilha de Almeida — S. Paulo.
Lenita Almeida de Castro Lima — Minas Gerais.
Manoel Alves dos Santos — Est. do Rio de Janeiro.
Claudio José Vargas — Distrito Federal.
Antonio da Costa Mancia — São Paulo.
Simonides Ximenes — Distrito Federal.
Luiz Alberto D. Lima, a. C. de Conceição Lima — Rio Preto Minas — Estação de Parapeuna.
Denizar Pereira Paes — Minas Gerais.
Aloysio de A. Borges — Minas Gerais.
Paulo Pinto Dias — Distrito Federal.
João Carlos Carassini — São Paulo.
Celia Gonçalves Pereira — Distrito Federal.
João Laszlo — São Paulo.
Ely Muniz de Paula — Estado do Rio de Janeiro.
Helio Soares de Souza — Est. do Rio de Janeiro.
Alayde Nogueira de Melo — Est. do Rio de Janeiro.
Iara Gonçalves de Melo — Distrito Federal.
Tito Liaz Horta Filho — Distrito Federal.
André Corsino Paiva — Minas Gerais.
Wanderley Pereira de Freitas — Distrito Federal.
Hamilton Viana — Estado do Rio de Janeiro.
Walter Antonio Melarato — São Paulo.
Milton José Pinto — Distrito Federal.
Magaly da Silveira Lôbo — Distrito Federal.
Gilda Nathália Gonzaga — Distrito Federal.
Sergio Bertholini — Distrito Federal.
Arnaldo B. de Mattos — Distrito Federal.
Sandra Garcia — Distrito Federal.
Sebastião Bortoni — São Paulo.
Maria Geraldo Poletti Alvim — Espírito Santo.
Lincoln de Oliveira — Distrito Federal.
Arnaldo Carlos da Silva Jr. — São Paulo.
Alcídes Ferragut — São Paulo.
Helio Silva Cruz — Distrito Federal.
Altamira Greenhalg de Faria — Distrito Federal.
Ivette Duncan de Miranda — Est. do Rio de Janeiro.
Gentil Faria do Nascimento — Distrito Federal.
Joelcio de Campos Silveira — Est. do Rio de Janeiro.
Henrique de Flanzer — Distrito Federal.
Roberto Gomes Pichinine — Distrito Federal.
Fabio E. Aida — Distrito Federal.
Emy E. Aida — São Paulo.
Glauca Maria Fernandes Tito — São Paulo.
Egle De Divittis — São Paulo.
Neda Cursino Cândia — São Paulo.
Jair A. Amaral — Est. do Rio de Janeiro.
Maria Joaquina de Lima Andrade — D. Federal.
Narciso F. Diniz — São Paulo.
Clementina Velozo Barreto — Distrito Federal.
Ise Abreu de Oliveira — São Paulo.
Fernando Aloísio Ramada de Castro — E. do Rio.

Durval Schult — Paraná.
Armando R. Ascenço — São Paulo.
Jairo Lisboa — São Paulo.
Masami Saito — São Paulo.
Ilza Simões — São Paulo.
Shirle Soares de Oliveira — São Paulo.
Ademar Fernandes — São Paulo.
Amires Benito Camilo — São Paulo.
Lauro Alberghini — São Paulo.
Marcial N. Móz — São Paulo.
José Gaspar — São Paulo.
Paulo Francisco José Mazak — São Paulo.
Wallei José da Silva — Distrito Federal.
Aurelio José da Silva — Est. do Rio de Janeiro.
Yara do Carmos Serra Searseili — Mato Grosso.
Egydio Volpi Filho — São Paulo.
João Poeck — Paraná.
Aidé Baggio Ceschin — Paraná.
Evandro Souto Maior — Distrito Federal.
Noé Salvador Lopes — Rio Grande do Sul.
Wanda Franck Araujo — Bahia.
Walter de Souza Silva Sobrinho — D. Federal.
Lia Côrte Brilho — São Paulo.
Neuza Turella — Distrito Federal.
Roberto Starck Nogueira da Silva — S. Paulo.
Marino Azevedo Braga — Est. do Rio de Janeiro.
Terezinha de Jesus Rosas — Minas Gerais.
Teresa Leonel da Silva — Minas Gerais.
Claudio Blanes — Estado de São Paulo.
Dulce Zouain — Espírito Santo.
Geraldo Florencio da Silva — E. do Rio de Janeiro.
José Bronz — Distrito Federal.
Ferdinando José Nunes Maciel — Estado do Rio.
Sergio Rubens Barbosa de Almeida — D. Federal.
Zelmo Denari — São Paulo.
Salvador Patricio da Silva — Minas Gerais.
Arcadio Zabotto — São Paulo.
Henrique de Aguiar Souza — São Paulo.
Abrão Spitzcovski — São Paulo.
Arno Duque — Minas Gerais.
Milton Caldwell — Paraná.
Moysés Pençak — Distrito Federal.
Nival de Oliveira — Distrito Federal.
Geraldo Luccas — Goiás.
Eudoxia de Campos Barros — São Paulo.
Nebio Augusto Mario Zappa — São Paulo.
Antonio Luiz Lanna — Minas Gerais.
Maria Dacy Soares — Minas Gerais.
Luiz Vasques — Mato Grosso.
Jorge Alves da Costa — Distrito Federal.
José C. Moreira — Minas Gerais.
Vitor Manoel Tavares — São Paulo.
João Donha Dias — São Paulo.
Paulo Cesar Figueiredo — Distrito Federal.
Antonio Bernardino — São Paulo.
Paulo Cesar Ribeiro — Distrito Federal.
Irineu Valdés — São Paulo.
Pedro Camara — São Paulo.
Ricardo Celvere — São Paulo.
José Eduard Solari — São Paulo.
Aziz Lasmar — Estado do Rio de Janeiro.
Paulo Lefèvre Guimarães — Distrito Federal.

Fonte: *Vida Infantil*. Nº 15, jan/1949, p. 29. Depositário: FBN

Ao se observar a relação dos lugares de moradia dos leitores que se corresponderam com os articulistas da revista em janeiro de 1949, é possível notar que o Distrito Federal, o estado do Rio de Janeiro e São Paulo aparecem muito mais em comparação com os outros lugares. Essa relação pode ser melhor observada a partir do quadro 1:

Quadro 1 – Lugares de moradia de alguns leitores de <i>Vida Infantil</i> , segundo a seção de <i>Correspondência</i> (1949)	
Local	Quantidade
Distrito Federal	38
Estado do Rio de Janeiro	14
São Paulo e estado de São Paulo	46
Minas Gerais	13
Espírito Santo	2
Paraná	4
Rio Grande do Sul	1
Mato Grosso	2
Goiás	1
Bahia	1

Fonte: *Vida Infantil*. Nº 15, jan/1949, p. 29. Depositário: FBN

A partir da leitura do quadro 1, percebe-se que havia muitos leitores oriundos da região sudeste, em especial o eixo Rio-São Paulo. A revista faz a diferenciação entre o estado do Rio de Janeiro e o Distrito Federal²³ para salientar a força do Distrito Federal no consumo da revista, uma vez que a sua produção se dava nesse nicho. Também chama a atenção a quantidade de paulistas e paulistanos leitores de *Vida Infantil*: 46. O número se aproxima dos 52 fluminenses²⁴, que se dividem entre moradores do Distrito Federal e do estado como um todo, consumidores da revista. Os dados corroboram, contudo, a ideia de que o público-alvo era crianças escolarizadas dos grandes centros urbanos.

Para além dessas colunas, *Vida Infantil* apresentava outras colunas de viés escolar, apresentava contos e histórias de cunho moralizante e incluía, também, Histórias em Quadrinhos e piadas infantis. Quanto à formatação, a revista continha entre 50 e 70 páginas. Custava Cr\$2,00 enquanto circulou mensalmente (1947 – junho de 1950), passando a custar Cr\$3,00 em janeiro de 1951, mesmo ano em que passou a ser de publicação quinzenal (a partir de 1º de julho de 1951).

Com relação ao salário mínimo, em 1947, este variava de Cr\$180 a Cr\$380, de acordo com a seguinte divisão:

²³ O Distrito Federal e o estado do Rio de Janeiro eram unidades político-administrativas autônomas e independentes, à época, que depois se fundiram para formar o atual estado do Rio de Janeiro.

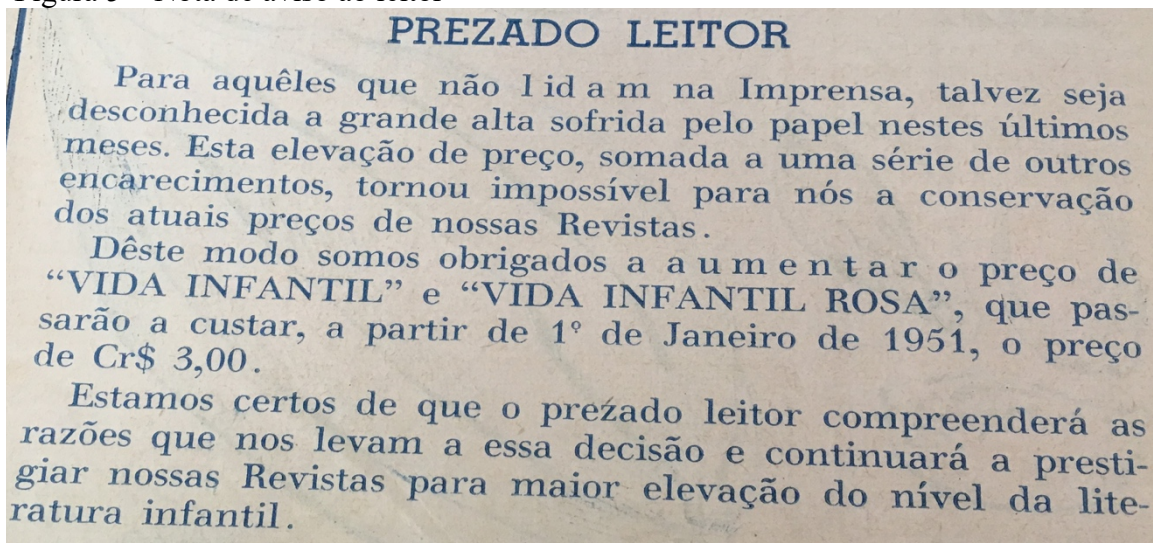
²⁴ Fluminense é termo utilizado para se referir a quem nasce no estado do Rio de Janeiro, fora da capital. Quem nascia no Distrito Federal era, então, chamado de carioca.

Quadro 2 – Salário mínimo estabelecido para os municípios do Rio de Janeiro e o Distrito Federal	
Localidade	Salário Mínimo Mensal (Cr\$)
Niterói, São Gonçalo e Nova Iguaçu	320,00
Sedes dos demais municípios e distritos	245,00
Demais localidades	180,00
Distrito Federal	380,00

Quadro produzido pela autora. Fonte dos dados: *Anuário Estatístico do Brasil – 1950*. Ano XI. Serviço Gráfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 1951.

O salário do Distrito Federal era o mais elevado, sendo o local de produção e de maior circulação de *Vida Infantil*. Se em 1947 o salário era de Cr\$380,00, no Distrito Federal, em 1951 passa a ser de Cr\$1200,00, no mesmo local, triplicando o valor de 4 anos antes. Tal como o aumento no salário, os editores justificam o aumento de *Vida Infantil* – de Cr\$2,00 para Cr\$3,00 – pela “grande alta sofrida pelo papel”, como ilustrada na nota de aviso ao leitor apresentada na figura 5:

Figura 5 – Nota de aviso ao leitor²⁵



Fonte: *Vida Infantil*. Nº 38, dez/1950. Depositário: FBN

Quanto à organização, observam-se métodos e regularidades: no verso da capa registrava-se a coluna *História do Brasil para Crianças*; em seguida, havia a página de referência da revista, a qual apresentava o nome dos editores e dos profissionais envolvidos na publicação e, em geral, apresentava, também, algumas informações de conteúdo escolar para os leitores, sob a forma da seção *As crianças precisam saber*. Ao longo da revista eram apresentados contos, histórias em quadrinhos e outras seções recreativas e educativas. Observemos as figuras 6 e 7:

²⁵ *Vida Infantil Rosa* se diferencia de *Vida Infantil* apenas no que concerne à cor de impressão no miolo da revista. O conteúdo, porém, é o mesmo.

Figura 6 – Expediente e Seção *As Crianças Precisam Saber*

Vida Infantil

Editada pela Soc. Gráfica Vida Doméstica Ltda., Redação e oficinas na Rua Riachuelo 414 — Rio — Tel. 32-0170 — Cx. Postal 2981 — End. Tel. «Vidome». Outras publicações da mesma empresa: Vida Doméstica, Vida Juvenil, Almanaque de Vida Infantil e Almanaque de Vida Juvenil. E' proibido reproduzir, sem autorização, o material desta publicação.

Fundador: JESUS GONÇALVES FIDALGO

Diretor Responsável: CARLOS GONÇALVES FIDALGO	Exemplar avulso em todo o Brasil Cr\$ 2,00 — Atrasado Cr\$ 2,50
Dir. Gerente e Red. Chefe: ANTONIO IBRAHIM HADDAD	ASSINATURAS ANUAIS
Diretor Secretário: CLEMENTE DOS SANTOS FARROCO	Vida Infantil Cr\$ 24,00 Vida Juvenil Cr\$ 36,00
Diretor de Publicidade: FELISBERTO OROFINO	Para porte registrado enviar mais Cr\$ 7,00. Sendo tomada assinatura conjunta de Vida Infantil e Vida Juvenil basta enviar a importância de um porte.

ANO III — Nº 28 — FEVEREIRO-1950

Este número contém 68 páginas.


TIRAGEM - 90.000 EXEMP. - A VENDA NOS DIAS 15 DE CADA MÊS

AS CRIANÇAS PRECISAM SABER — que o Brasil pode se orgulhar de ter entre seus filhos dois grandes pioneiros da aviação. São eles Bartolomeu Lourenço de Gusmão e Alberto Santos Dumont.

O padre Bartolomeu Lourenço de Gusmão, cognominado o «Padre Voador», foi o primeiro homem que conseguiu elevar-se do solo num aeróstato.

A Alberto Santos Dumont, o «Pai da Aviação», coube a glória de, pela primeira vez, dirigir, nos ares, um balão.

Mais ainda, Santos Dumont foi o inventor dos aparelhos mais pesados que o ar, que deram origem aos possantes, velozes e confortáveis aviões de nossos dias.




AS CRIANÇAS PRECISAM SABER — que um dos pintores mais populares no Brasil foi Vitor Meireles.

Nascido no Estado de Sta. Catarina em 1832, Vitor Meireles, desde pequeno, demonstrou uma grande inclinação para a arte dos pincéis, pois aos quatorze anos já impressionava os mais velhos com seus trabalhos juvenis.

Tornou-se célebre por seus quadros reproduzindo fatos históricos; as suas telas mais admiradas são: «Primeira missa no Brasil», «Moema», «Batalha dos Guararapes», «Combate Naval do Riachuelo» e «Passagem de Humaitá».



AS CRIANÇAS PRECISAM SABER — que o homem é um animal vertebrado, da classe dos mamíferos, da ordem dos primatas. E' o animal mais perfeito dentre todos os que povoam o globo terrestre, distinguindo-se, sobretudo, dos demais pela sua faculdade de raciocinar. E, também, o único animal capaz de expressar seu pensamento pela linguagem articulada.



Fonte: *Vida Infantil*. Nº 28, fev/1950. Depositário: FBN

Como se observa, *As crianças precisam saber* era organizada na página juntamente com o expediente de *Vida Infantil*, o que designa certo destaque à seção. Além disso, tal destaque também pode ser corroborado pelo fato dessa página se localizar no início da revista. Ao se observar o conteúdo da seção *As crianças precisam saber*, lemos conteúdos diversos, relativos, em especial, ao âmbito escolar. Notam-se conteúdos de História, de conhecimentos gerais e de Ciências, por exemplo. A primeira nota trata de dois sujeitos referidos como “pioneiros da aviação”, considerados “heróis” de destaque nesse âmbito. A segunda nota trata de um pintor chamado Vitor Meireles, considerado um dos mais populares no Brasil, e que buscava reproduzir “fatos históricos”, como a “Primeira missa no Brasil” e a “Batalha dos Guararapes”. A última nota, enfim, traz um conteúdo de Ciências a respeito dos mamíferos e

da diferença entre o ser humano e os outros animais mamíferos e vertebrados em relação à capacidade de raciocinar e de se expressar por meio de uma linguagem articulada.

Assim, nota-se que *As crianças precisam saber* se apresenta como uma seção de relevo no âmbito de *Vida Infantil*, uma vez que seu conteúdo relaciona-se aos objetivos propostos pelo periódico: o de educar e instruir. Esta seção, contudo, não se distancia de outras colunas do material. O *Álbum Escolar – Textos explicativos* também se mostra eficiente nesse sentido. Observem-se na figura 8 o conteúdo e a configuração da coluna.

Figura 7 – Seção Álbum Escolar: textos explicativos e HQ Pudim



Fonte: *Vida Infantil*. Nº 29, mar/1950, p. 20. Depositário: FBN

Ao se analisar a figura 7, nota-se certo hibridismo em sua composição, uma vez que em uma mesma página há a inserção de conteúdo de cunho escolar, ilustrado por *Álbum Escolar*, e conteúdo de diversão, observado na História em Quadrinhos de *Pudim*. O *Álbum*, bem como indicado no título, visa apresentar textos explicativos, como em uma seção de curiosidades: curiosidades instrutivas. Observam-se, tal como em *As crianças precisam saber*, conteúdos de Ciências e conhecimentos gerais.

A HQ *Pudim* faz graça em relação ao desejo de Pudim, representado por um porco, de querer emagrecer a partir do uso de um chapéu alto. Pudim começa a imaginar, então, os diferentes chapéus que poderia usar para emagrecer, como chapéus de garçom e mágico. Contudo, a quebra de expectativa acontece quando o chapéu alto que Pudim utiliza refere-se a um castigo imposto por sua professora, por ter se atrasado para a escola.

Por último, é possível notar como a composição de *Vida Infantil* associa-se ao que se compreende, aqui, como híbrida, visto que visava atingir diferentes objetivos: os de divertir, educar e instruir seu público. Esse hibridismo pode ser notado não só em termos de conteúdo, como também em relação à posição das seções no material: na mesma página em que há o expediente da revista, há uma seção de conteúdo educativo e instrutivo (*As crianças precisam saber*); e na mesma página em que lemos o *Álbum Escolar*, de conteúdo escolar, também lemos a HQ *Pudim*, com vistas a divertir.

1.2 O impresso periódico revista

De modo a ampliar a compreensão em relação à *Vida Infantil*, cabe compreender o suporte do objeto e fonte em questão, isto é, o suporte revista. Indaga-se, então: O que é revista? Quais as suas potências e os seus limites na condição de fonte documental? Por que observar uma revista na tentativa de entender alguns elementos do âmbito educacional? Quais pistas de cunho histórico, social e cultural uma revista pode iluminar?

Para responder essas indagações recorro à Martins (2001) que, em seu estudo *Revistas em Revista*, trata de algumas das questões chamadas à luz. Inicialmente, definir o termo *revista* torna-se necessário para compreender a sua utilização, a sua forma e o seu conteúdo. Segundo a autora, “uma *revista* é uma publicação que, como o nome sugere, passa em revista diversos assuntos o que [...] permite um tipo de leitura fragmentada, não contínua, e por vezes seletiva” (ROCHA, 1985, p. 33 *apud* MARTINS, 2001, p. 45). Além dessa definição, Martins (2001) recorre ao Aurélio para definir o termo: “publicação periódica, em que se divulgam artigos originais, reportagens, etc., sobre vários temas, ou, ainda, em que se divulgam,

condensados, trabalhos sobre assuntos variados já aparecidos em livros e noutras publicações” (HOLANDA, 1984, p. 1234 *apud* MARTINS, 2001, p. 46). Já o Dicionário *Online* de Português *Dicio*²⁶ define revista como uma “publicação periódica jornalística, especializada, literária etc.”. Em todas as definições a palavra “publicação” se destaca, assim como a ideia de periodicidade e de diversidade de assuntos. Ao analisar tais verbetes, evidencia-se a aceção de revista e o que a diferencia de outros impressos periódicos. Compreende-se, pois, como *periódicas*, as publicações que reaparecem após certo intervalo de tempo, tal como jornais diários e revistas mensais, quinzenais e semanais.

Nesse sentido, Rocha (1985, p.25 *apud* Martins, 2001, p.46) argumenta que revista

[...] é um tipo de publicação que, depois de *re-vista*, se abandona, amarelece esquecida, ou se deita fora. Enquanto objeto material, a revista distingue-se do livro por ser mais efêmera [...]. Essa efemeridade [...] tem a ver com a sua solidez material. Enquanto o livro dura [porque é mais resistente, tem uma capa sólida a protegê-lo], a revista é mais frágil em termos de duração material. (...) [Além disso,] é normal que o livro tenha reedições, e já não o é tanto que apareça uma segunda edição duma revista. Ainda outra característica: uma revista é em geral menos volumosa do que um livro. E, *last but not least*, uma revista é quase sempre a manifestação duma criação de grupo: ao contrário do livro que, salvo algumas exceções, costuma ser produzido por um só autor. [...]

Rocha (1985 *apud* Martins, 2001) acaba por não só definir revista, como também diferenciá-la de livro. Ao diferenciar revista de livro, aponta características típicas desse tipo de periódico, como, por exemplo, o fato de ser mais descartável e efêmera. Revistas, em geral, não são conservadas pelo público consumidor, apenas pelos mais afeitos a esse tipo de material, como colecionadores, bibliófilos, estudiosos, pesquisadores e pessoas interessadas pelas letras e pelas artes. Se revista, propriamente, acaba sendo frequentemente descartada, quando se trata de almanaque, este pode ser conservado por mais tempo, devido ao material que, neste segundo caso, é, em geral, de melhor qualidade, ao tamanho e à grossura da publicação, o que acaba por influir, também, no preço do material. Tais aspectos relativos à publicação de almanaques podem ser observados na figura 8:

²⁶ Disponível em: <www.dicio.com.br/revista>. Acesso em: 16 de abril de 2018.

Figura 8 – Propaganda do Almanaque de *Vida Infantil* e *Vida Juvenil*

**PROCURE FOLHEAR
PARA COMPRAR**




**ALMANAQUE - 1950
Vida Infantil**

**ALMANAQUE - 1950
Vida Juvenil**

Duas edições de grande luxo gráfico, matéria organizada com apuro redatorial e artístico reunindo grandes nomes da literatura e das artes nacionais.

Com o ALMANAQUE — 1950 — DE VIDA INFANTIL os leitores receberão: CALENDÁRIO DIVERTIDO PARA 1950 TRABALHOS MANUAIS DE TECELAGEM EM PAPEL, para a formação do Retrato de Ruy Barbosa e da Bandeira Brasileira.

Com o ALMANAQUE — 1950 — DE VIDA JUVENIL os leitores receberão: TRABALHO MANUAL PARA ARMAR, apresentando a Casa da Sagrada Família.

CINEMINHA VIDA JUVENIL, um divertido brinquedo que provocará momentos de grande alegria em crianças e adultos.

== ==
Nota — O Almanaque — 1950 — de Vida Juvenil publica um ROMANCE COMPLETO DE MALBA TAHAN, com ilustrações coloridas —
« A CAIXA DO FUTURO »

**CADA EXEMPLAR
CR.\$ 30,00
EM TODO O BRASIL**

*Cada exemplar do Almanaque dará
ao seu comprador o direito de receber
2 Presentes gratis!*

Fonte: *Vida Infantil*. Nº 27, jan/1950, p. 30. Depositário: Fundação Biblioteca Nacional (FBN)

Como se observa nas partes destacadas, os almanaques de *Vida Infantil* e de *Vida Juvenil*²⁷, de 1950, apresentam material de maior “luxo gráfico”, o que permite inferir que o material utilizado se diferenciava, em termos de qualidade gráfica (cor, gramatura do papel e textura) e, ainda, de durabilidade, em comparação aos números regulares de *Vida Infantil* e *Vida Juvenil*. Além disso, o valor chama a atenção, uma vez que muda em relação aos Cr\$2,00 (dois cruzeiros) referentes às publicações regulares. O aumento do valor pode ser justificado pela própria análise da fonte: deve-se não só à qualidade “diferenciada” do material, como também pelo acréscimo de conteúdos e de prêmios destinados ao público.

²⁷ Como será possível observar no tópico seguinte (1.2 *Sobre Vida Infantil*, página 28), a Sociedade Gráfica Vida Doméstica Ltda, editora responsável por *Vida Infantil*, era, igualmente, responsável por outras duas publicações: *Vida Doméstica* (1920-1963) e *Vida Juvenil* (1949-1959).

Após distinguir revista de livro, Martins (2001) trata do jornal, na tentativa de diferenciá-lo de revista. A autora encontra certa dificuldade em diferenciá-los, uma vez que ambos são periódicos, feitos por uma equipe de editores e de formato e material algumas vezes semelhantes.

O que os distingue com frequência é a existência da capa na revista, acabamento que não ocorre no jornal; mais do que isso, é a formulação de seu programa de revista, divulgado no artigo de fundo, que esclarece o propósito e as características da publicação (MARTINS, 2001, p. 46).

De todo modo, é possível afirmar que, dadas as devidas circunstâncias, tanto a revista quanto o jornal e o livro são materiais capazes de apresentar e pôr luz em determinados aspectos históricos, em especial, a revista e o jornal. Como ambos são datados, acabam por se tornarem fontes documentais potentes. Além disso, ressalta-se o caráter fragmentado e periódico da revista, que ultrapassa os limites geográficos e temporais.

Importa ressaltar que após a guinada da História, em especial, com o surgimento do Movimento da *Escola dos Annales*²⁸, em 1929, a narrativa positivista da História, caracterizada pelo destaque atribuído aos documentos ditos oficiais, aos heróis e aos grandes feitos, deu lugar a uma História-problema, oferecendo destaque à história dos sujeitos comuns e a elementos não oficiais, isto é, de uso comum e cotidiano²⁹. A revista passou a ser um gênero impresso de reconhecido valor, o que corrobora a escolha por se estudar este objeto. Este tipo de periódico é capaz de “documentar” o passado através de registros múltiplos: do textual ao iconográfico, do extratextual – reclame ou propaganda – à segmentação, do perfil de seus proprietários àquele de seus consumidores” (MARTINS, 2001, p. 21). Desse modo, estudar uma revista é, então, lidar com os diversos elementos que a constitui como material impresso de amplitude e relevo para se analisar a História, em especial, a História da Educação.

Ademais, Rosa (2002) salienta que, desde meados de 1980,

surgiram vertentes historiográficas (...) que, baseadas na recuperação da narrativa e na interrogação obstinada de fontes pouco comuns, [foram utilizadas] novas técnicas e [elegidos] objetos e temas específicos e originais, ampliando consideravelmente as opções de pesquisa dos historiadores. (p. 5)

²⁸ A esse respeito, consultaram-se Bloch (2001), Burke (1997), LeGoff (2003) e Braudel (1965).

²⁹ Nesse sentido, busca-se entender o espaço de *Vida Infantil* na condição de fonte histórica e de material social, uma vez que se defende a necessidade de se rever antigas temáticas analisadas; desconstruir “velhos objetos”, de maneira a trazer à luz “novos objetos”; e avançar em novas perspectivas de análises, corroborando com uma perspectiva teórica que se direcione a uma História-problema, construída por sujeitos e feitos comuns (NUNES & CARVALHO, 2005).

O periódico revista pode ser compreendido, portanto, como uma dessas fontes incomuns que permitiria aos historiadores analisar e “inventar”³⁰ (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2007), de algum modo, o passado. Trata-se de um material interdisciplinar, que alia História da Leitura, História Editorial, História da(s) Infância(s) (no caso específico de *Vida Infantil*) e, ainda, História da Educação. Devido à sua interdisciplinaridade, *Vida Infantil* foi, assim, eleita como objeto e fonte importante para se investigar elementos que contribuam para uma escrita da história.

Observa-se, ainda, o caráter diverso do gênero revista, o que explica, em alguma medida, a escolha, cada vez mais expressiva, por esse tipo de material, uma vez que é capaz de esclarecer o período histórico sob múltiplas dimensões, a saber: social, cultural e política. Assim, o pesquisador, ao transitar pelas folhas da revista, é capaz de se envolver e se transportar para o tempo passado que busca desvendar na vã tentativa de, assim, reconstruí-lo.

A variedade de informações contidas em uma revista é elemento favorável para a sua escolha junto ao historiador, uma vez que ali se encontram imagens, textos, reclames, correspondência, propagandas variadas que apresentam, em seu conjunto, um panorama histórico o qual se busca investigar. Uma revista é capaz, então, de encantar, chamar a atenção do pesquisador e conter elementos de valor para quem sabe *olhar* tais elementos, buscando dali o que lhe convém para compor uma história pretérita.

É preciso, porém, ter cuidado com a fonte. Um *olhar* equivocado ou, talvez, uma falta de atenção, e pode-se pôr tudo a perder. Martins (2001) defende que, “na verdade, os apelos que transportam e induzem o pesquisador a configurações quase pictóricas do passado, tal como um espelho disforme, refletem imagens falsas, imagens de superfície, que requerem investigação e decodificação” (p. 21). É por isso que, apesar das belas imagens que uma revista pode apresentar, essas mesmas belas imagens podem trazer falsas impressões, como num espetáculo em que, às vezes, se busca ludibriar para angariar mais público.

Desse modo, apenas registrar frases e imagens de periódicos na expectativa de se iluminar um momento pretérito não é suficiente, pois essas frases e imagens registradas de forma descontextualizada podem provocar interpretações equivocadas, fragilizando, assim, a análise. Martins (2001) salienta a relevância do gênero:

³⁰ Neste estudo, o pesquisador discute a noção de invenção em substituição a expressões caras aos profissionais da História, como os de formação, desenvolvimento ou análise. Segundo ele, o termo invenção remete a uma abordagem do evento histórico que enfatiza a descontinuidade, a ruptura e a singularidade. Sua tese apoia-se, notadamente, no pensamento do filósofo francês Michel Foucault. Conferir Albuquerque Júnior, 2007, introdução, em especial.

A pertinência desse gênero de impresso como testemunho do período é válida, se levarmos em consideração as condições de sua produção, de sua negociação, de seu mecenato propiciador, das revoluções técnicas a que se assistia e, sobretudo, da natureza dos capitais nele envolvidos. (p. 21)

Notem-se, assim, os diversos elementos identificáveis numa produção impressa periódica a partir dos quais é possível se compreender partes da história, tais como as condições de sua produção, a sua negociação de produção, os sujeitos que propiciam a elaboração e publicação da revista, as revoluções técnicas da época e, ainda, o investimento financeiro em jogo. Nesse sentido, as condições de produção recairiam na análise do modo de se confeccionar a revista, entendendo as formas de edição, a quantidade de tiragens, os sujeitos envolvidos, entre outros aspectos. A tessitura da produção se relaciona, em grande parte, com o conceito de redes de sociabilidades (GOMES, 2004) traçadas pelos elaboradores da revista. Esse conceito se associaria, ainda, com a seguinte perspectiva: sujeitos capazes de propiciar a elaboração e publicação da revista, uma vez que para se fazer uma revista circular faz-se necessário juntar vários elementos que possibilitem essa circulação e a respectiva aceitação junto ao público. A noção de redes de sociabilidade, adotado por Angela de Castro Gomes (2004), incorre na concepção de que a participação de um intelectual em uma rede de sociabilidade é fundamental para o desenvolvimento e afirmação do sujeito, de modo que seja possível situá-lo, então, em um contexto político, econômico, filosófico, histórico e cultural, o que lhe confere inserção em determinado contexto. Desse modo, é possível se afirmar que “não é tanto a condição de intelectual que desencadeia uma estratégia de sociabilidade e, sim, ao contrário, a participação numa rede de contato é que demarca a específica inserção de um intelectual no mundo cultural” (GOMES, 2004, p. 51).

Ainda no que concerne à materialidade do objeto analisado, Rosa (2002) argumenta que a revista pode ser compreendida como uma prática social rotineira, cujas manifestações culturais, tais como sentimentos, atitudes e comportamentos à época, podem ser afloradas no decorrer das páginas e são capazes de apresentar uma realidade histórica, na qual se pode vislumbrar e codificar alguns elementos para a escrita da História. Além disso, Carvalho e Toledo (2007) salientam que esse tipo de impresso é capaz de *modelizar práticas de leitura*:

Pensar em termos dessa *arqueologia* implica lidar com as fontes como objetos culturais que, constitutivamente, guardam as marcas de sua produção e de seus usos. No caso de estudos sobre impressos, trata-se, em primeiro lugar, de analisá-los da perspectiva de sua produção e distribuição, como produtos de *estratégias* editoriais em complexa correspondência com estratégias políticas e pedagógicas determinadas. De uma perspectiva complementar, mas distinta, trata-se de analisá-los em sua materialidade, como suporte material e como dispositivo modelizador de práticas de leitura, trazendo à cena os usos que prescrevem. (CARVALHO; TOLEDO, 2007, p. 90. Grifos das autoras)

Vida Infantil pode, então, ser considerada um desses objetos culturais que, necessariamente, “guardam as marcas de sua produção e de seus usos”. São capazes de expor, também, estratégias lançadas mão por seus editores e autores: estratégias editoriais, políticas e pedagógicas, como sublinham Carvalho e Toledo (2007). Ademais, é um dispositivo que modeliza práticas de leitura, compreendendo-se que se trata de um fenômeno social e cultural capaz de jogar luz aos usos atribuídos ao material, aos aspectos relativos aos seus consumidores em potencial e ao contexto sociohistórico.

É nesse cenário de mudanças analíticas e de uma guinada na escrita histórica que se busca compreender *Vida Infantil*, revista que circulou durante 13 anos no Brasil, e que pode, assim, colaborar para a análise acerca de processos educativos, instrutivos e recreativos de âmbito nacional. Lança-se mão dessa revista para, então, examinar determinados elementos que compõem a revista e que ajudem a compreender o modo de se fazer imprensa periódica, de viés pedagógico informal (ROSA, 2002), no período elencado, isto é, de 1947 a 1950.

Rosa (2002), ao tratar da revista *O Tico-Tico*, defende que

o conjunto [...] de exemplares da revista [...] se revela um objeto cultural disponível, extremamente rico e complexo. Suas histórias, ilustrações e editoriais falam da casa, da rua, da cidade, do campo, do quintal, da família, da escola, da fábrica, da comunidade, da pátria, entre outros temas e fornecem um instigante quadro de visões de mundo de diferentes classes sociais. Essas visões de mundo se expressam em atitudes, comportamentos e concepções de vida, de sociedade e do homem, que procuramos apreender e compreender em função de suas conexões com a estrutura da sociedade brasileira (p. 7-8).

De modo semelhante é que se busca analisar *Vida Infantil*: na condição de objeto histórico, social e cultural que apresenta visões de mundo que são desveladas nas colunas do impresso, por meio das histórias, das ilustrações e dos editoriais. Note-se que um dos objetivos desta pesquisa é, igualmente, analisar e compreender o modo de se inventar e contar a História por meio do impresso periódico revista.

Hohlfeldt (2010) elabora uma espécie de “caminho do tempo”, no qual o autor divide as fases de produção de impressos voltados para crianças em âmbito brasileiro. Embora o autor focalize a Literatura Infantil, sob a forma de livro infantil, compreender esse movimento ajuda a analisar o percurso dos periódicos infantis, tais como revistas, jornais e hebdomadários.

O autor chama a atenção para a dupla tendência no âmbito do século XIX – de um lado, textos importados, traduzidos e adaptados para a sala de aula, com características pedagógicas; de outro, textos ficcionais, mas que se ligavam às tradições orais do Ocidente (HOHLFEDLT, 2010, p. 364). No final do século XIX e início do XX, expande-se a produção

literária infantil nacional, investindo-se não só na quantidade de materiais para esse público, mas também na qualidade do conteúdo. De 1920 a 1960, com o desenvolvimento da modernização, traduzida no processo de urbanização e industrialização, foram surgindo no mercado nacional autores cuja produção se dirigia com mais ênfase à criança, como Monteiro Lobato³¹ e Erico Veríssimo³², por exemplo. Tem-se, nesse momento, o surgimento, também, de revistas especializadas para esse público, como é o caso da Revista *O Tico-Tico*, que mesmo tendo sido iniciada em 1905, sua ampliação e fortalecimento frente ao público se deu ao longo de todo o início do século XX, e é o caso, também, da própria *Vida Infantil*, iniciada em meados do mesmo século. O autor salienta que de 1960 a 1980, em um contexto de internacionalização e com as gráficas cada vez mais modernizadas³³, as editoras passaram a investir, ainda mais, nas publicações voltadas para o público infantil, visando atingir, o espaço escolar. Segundo Hohlfeldt (2010), nesse momento,

houve uma redução do analfabetismo, principalmente nas cidades. Assim, a produção se diversificou, quer tematicamente, quer por meio da especialização da produção de livros para crianças, com a valorização da ilustração e do projeto gráfico (p. 365).³⁴

Por fim, de 1980 em diante, o autor chama a atenção para o surgimento de um novo segmento de produção de materiais de literatura: o público adolescente. Além disso, o Brasil passa a ganhar mais destaque internacionalmente ao conquistar prêmios importantes no que se refere à qualidade da produção textual e das ilustrações, como o Prêmio Hans Christian Andersen³⁵.

³¹ Trata-se de José Bento Renato Monteiro Lobato (1882-1948), um dos principais escritores, editores, ativistas, diretores e produtores brasileiros. É, ainda, referência no que concerne à produção de livros para o público infantil. Foi o criador de “O Pica-Pau Amarelo” e dos famosos personagens infantis Emília, Narizinho, Pedrinho, Tia Nastácia e Dona Benta. Além de se tornar referência no âmbito de produção de livros infantis, implementou inovações no tocante à edição de livros. A esse respeito, conferir VELOSO, Ana Carolina Siqueira. *Perfis femininos em livros infantis de Monteiro Lobato (1920-1940)*. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2013.

³² Erico Lopes Veríssimo (1905-1975) foi um importante escritor e tradutor brasileiro, tendo voltado seu trabalho para diferentes públicos, inclusive para o público infantil. De vasta produção no âmbito literário brasileiro, foi autor de contos, ensaios, romances, autobiografias e livros de literatura infantil, como *As Aventuras de Tibicuera* (1937), *Os Três Porquinhos Pobres* (1936) e *Meu ABC* (1936). Para maior compreensão a esse respeito, conferir CARVALHO, Michele Ribeiro de. *Memórias de Erico Veríssimo: primeiras leituras ao Solo de Clarineta (1912-1922)*. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2016.

³³ Verificar dados a esse respeito em HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil: sua história*. São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1985.

³⁴ Segundo o Mapa do Analfabetismo no Brasil (2003), o qual se baseava na definição do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), ser alfabetizado, no período, consistia em “saber ler e escrever pelo menos um bilhete simples no idioma que conhece”.

³⁵ Segundo o website do IBBY, o Prêmio Hans Christian Andersen é o maior prêmio, em nível internacional, consagrado a autores e ilustradores de livros infantis. A premiação acontece a cada dois anos e é organizada pela International Board on Books for Young People (IBBY). Mais informações em: <<http://www.ibby.org/awards-activities/awards/hans-christian-andersen-awards>>. Acesso em: 28/05/2018

As produções textuais para a infância no Brasil ajudam a justificar o período de publicação de *Vida Infantil* (1947-1960). Além disso, facilita entender o modo de operação da revista, esclarecendo a formatação, a estrutura, as colunas e colunistas, os editores e todo o seu corpo de formação.

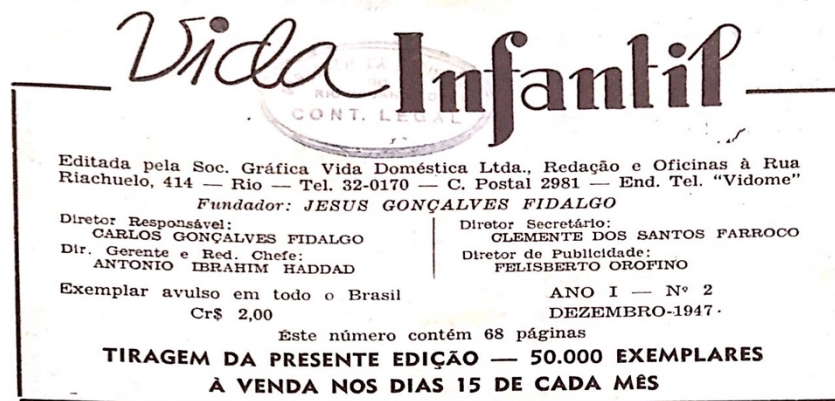
Importante ressaltar, desse modo, a escolha de cerca de quatro anos de análise, isto é, de 1947 a 1950. A primeira publicação de *Vida Infantil* aponta para o mês de novembro de 1947 – publicação a qual não tive acesso – e sua periodicidade se dá mensalmente. Contudo, a partir de 1951 (julho) a revista passa a ser quinzenal, o que aumentaria, consideravelmente, o quantitativo de fontes para análise. Nesse momento, torna-se inviável e não pertinente, pois não faz parte do horizonte desta pesquisa. Cabe, porém, em trabalhos próximos, considerar a análise de tais anos de publicação (1951 a 1960).

Sigamos, então, para o próximo tópico desta dissertação, o qual visa apresentar o expediente de *Vida Infantil*, com especial ênfase na constituição dos intelectuais que colaboraram com o impresso. Observa-se, assim, alguns modos de operação da revista e dos respectivos sujeitos que participaram de sua composição.

1.3 Intelectuais em revista: o expediente de vida infantil

O fundador da Sociedade Gráfica Vida Doméstica Ltda, editora de *Vida Infantil*, foi Jesus Gonçalves Fidalgo. Fidalgo era um empreendedor nato, fundador de uma Sociedade Gráfica de relativo sucesso em nível nacional e que se manteve à frente das três revistas até o seu falecimento, em 1º de junho de 1948. Além disso, de acordo com Santos (2011), Fidalgo “mantinha interesses comerciais e aparentava boa relação no meio empresarial justificados pela ‘elevada prevalência de notícias sobre inaugurações de lojas e fábricas, notas elogiosas sobre seus dirigentes e fotografias de eventos que sugerem essa vinculação’” (FREIRE 2006, p. 33 *apud* SANTOS, 2011, p. 37).

Para entender a rede de sociabilidade estabelecida pelos responsáveis de *Vida Infantil*, recorreremos ao expediente apresentado no início da revista, como na imagem a seguir:

Figura 9 – Expediente de *Vida Infantil*

Fonte: *Vida Infantil*. Nº 2, dez/1947. Depositário: FBN

O expediente pode ser melhor visualizado no quadro 3:

Função	Nome
Diretor responsável	Carlos Gonçalves Fidalgo
Diretor gerente e Redator chefe	Antonio Ibrahim Haddad
Diretor secretário	Clemente dos Santos Farroco
Diretor de publicidade	Felisberto Orofino

Quadro produzido pela autora. Fonte dos dados: *Vida Infantil*, dezembro de 1947, nº 2.

Carlos Gonçalves Fidalgo era filho de Jesus Gonçalves Fidalgo, jornalista e herdeiro das obras do pai; Antonio Ibrahim Haddad, também jornalista, ocupava o cargo de gerente e redator chefe há mais de 20 anos, em colaboração a Fidalgo; Clemente dos Santos Farroco era industrial, mas mesmo não sendo da área do jornalismo, como os outros, colaborava com as publicações de *Vida Infantil* na condição de diretor secretário; Felisberto Orofino também era jornalista e amigo de Fidalgo³⁶.

Sirinelli (2003) examina o conceito de intelectual, traçando a sua constituição enquanto tal no cruzamento de três instâncias: a política, a social e a cultural. O autor argumenta acerca da dificuldade de se compor uma definição exata do que seja um intelectual, uma vez que, historicamente, os intelectuais se localizavam à parte da escrita da história, pois muitas vezes lhes cabia analisar os fenômenos políticos, sociais e culturais mais do que serem analisados e “teorizados”. Desse modo “os intelectuais constituem, segundo o autor, um grupo social de contornos vagos que durante muito tempo foi pouco significativo em termos

³⁶ Informações disponíveis em <www.jusbrasil.com.br>. Acesso em: 28 de abril de 2018.

de tamanho”, se tornando “objetos mortos/ subobjetos da história” (2003, p. 234-235). Concebemos, então, a primeira definição que ajuda a construir todo o resto: os intelectuais fazem parte, necessariamente, de um grupo social.

Ao longo do texto, contudo, Sirinelli (2003) acrescenta elementos sobre o conceito de intelectual:

[Podem existir] duas acepções do intelectual, uma ampla e sociocultural, englobando os criadores e os “mediadores” culturais, a outra mais estreita, baseada na noção de engajamento. No primeiro caso, estão abrangidos tanto o jornalista como o escritor, professor secundário como o erudito. Nos degraus que levam a esse primeiro conjunto postam-se uma parte dos estudantes, criadores ou “mediadores” em potencial, e ainda outras categorias de “receptores” da cultura.

Do excerto infere-se que intelectual pode ser, então, os mediadores culturais, por exemplo, jornalistas, como Fidalgo e seus colaboradores, ou professores, como aqueles que assinam as colunas de *Vida Infantil*³⁷.

Cabe, em acréscimo, recorrer à noção de redes de sociabilidade adotada por Ângela de Castro Gomes (2004). Conforme a autora, a participação do intelectual em uma rede de sociabilidade é capaz de inseri-lo em um mundo cultural, cuja participação lhe confere a própria posição de intelectual. Desse modo, ao observar as relações tecidas entre os colaboradores de *Vida Infantil*, é possível perceber a participação do filho do dono e seus colaboradores que, em sua maioria, compartilhavam da mesma profissão, isto é, a de jornalista. Ademais, torna-se necessário que o intelectual esteja envolvido em um circuito de sociabilidade que o situe no mundo cultural e que, ao mesmo tempo, lhe permita interpretar o mundo político e social de seu tempo.

Gomes (1993), ainda, afirma que

Trabalhar com o meio intelectual é procurar mapear um espaço que a noção de sociabilidade reveste de um duplo sentido. O primeiro, contido na ideia de rede, remete às estruturas organizacionais da sociabilidade através de múltiplas e diferentes formas que se alteram com o tempo, mas que tem como ponto nodal o fato de se constituírem nos *loci* de aprendizagem e trocas intelectuais. Salões, cafés, casas editoras, academias, escolas, revistas, manifestos e mesmo a correspondência de intelectuais são lugares preciosos para a análise do movimento de fermentação e circulação de ideias. (p. 65)

O âmbito intelectual é, então, aquele por onde é possível se mapear uma rede de sociabilidade, cuja base é a troca entre os sujeitos e a aprendizagem decorrente desse meio. A autora cita, ainda, alguns dos espaços sociais potentes para o desenvolvimento de ideias e a sua circulação, dentre os quais as revistas e os periódicos de maneira geral.

³⁷ Sobre os colaboradores, conferir nota 32, página 47. Sobre os professores, conferir nota 23, página 34.

As notas sobre o falecimento de Fidalgo, estampadas nas páginas de *A Noite* e *Correio da Manhã*, podem bem ilustrar a relação entre os colaboradores de *Vida Infantil*, como se pode observar nas figuras 10 e 11:

Figura 10 – Aviso da missa de 7ª dia de Jesus Gonçalves Fidalgo

A NOITE — Terça-feira, 8 de junho de 1948

Comunicados fúnebres

COMENDADOR JESUS GONÇALVES FIDALGO
(MISSA DE 7.º DIA)

Conceição Gonçalves Fidalgo, Carlos Gonçalves Fidalgo, esposa e filhos, Clemente dos Santos Farroco, esposa e filhos, Felisberto Orofino, esposa e filho, Antonio Ibrahim Haddad, esposa e filha, Dolores Gonçalves Fidalgo, profundamente consternados pelo falecimento de seu muito querido esposo, pai, sógro e avô, JESUS GONÇALVES FIDALGO, convidam a todos os seus parentes e amigos para a missa de 7.º dia que, por sua alma, será celebrada amanhã, dia 9 do corrente, às 10,30 horas, na igreja de N. S. do Carmo. Antecipando seus mais sinceros agradecimentos, a família solicita, encarecidamente, dispensa de pêsames.

COMENDADOR JESUS GONÇALVES FIDALGO
(FUNDADOR DE VIDA DOMÉSTICA)

Os diretores, redatores e demais auxiliares da Sociedade Gráfica Vida Doméstica Ltda. profundamente consternados pela irreparável perda do seu saudoso amigo e orientador, Sr. JESUS GONÇALVES FIDALGO, convidam a todos os seus parentes e amigos para a missa de 7.º dia que, em intenção de sua boníssima alma mandam celebrar amanhã, dia 9 do corrente, às 10,30 horas, na igreja de N. S. do Carmo, solicitando dispensa de pêsames e confessando-se antecipadamente agradecidos.

COMENDADOR JESUS GONÇALVES FIDALGO
(MISSA DE 7.º DIA)

Celso Gonçalves Fidalgo, esposa e filhas, José Gonçalves Fidalgo, José Feijó Gonzalez, esposa e filha, Luiz Feijó Gonzalez, Claudino Braz, Izilda da Assunção Veiga, com profundo pesar pela perda do seu boníssimo irmão, tio e cunhado, convidam seus parentes e amigos para a missa de 7.º dia que, em intenção de sua alma será mandada rezar na igreja de N. S. do Carmo, às 10,30 horas, de amanhã, dia 9 do corrente, solicitando dispensa de pêsames, confessam, antecipadamente, seus mais sinceros agradecimentos.

COMENDADOR JESUS GONÇALVES FIDALGO
(MISSA DE 7.º DIA)

Angelo Fernandez Gonzalez e senhora, profundamente pesarosos pela perda do seu grande amigo, convidam seus parentes e amigos para a missa de 7.º dia que, em intenção de sua alma farão celebrar na igreja de N. S. do Carmo, às 10,30 horas de amanhã, dia 9 do corrente.

Fonte: *A Noite*. Jun/1948. Depositário: Hemeroteca da FBN

Figura 11 – Aviso da missa de 1 ano de Jesus Gonçalves Fidalgo

CORREIO DA MANHÃ — Terça-feira, 31 de Maio de 1949

ATOS RELIGIOSOS

JESUS GONÇALVES FIDALGO
(MISSA DE ANO)

Viúva Conceição Gonçalves Fidalgo; Carlos Gonçalves Fidalgo, esposa e filho; Clemente dos Santos Farroco, esposa e filhos; Felisberto Orofino, esposa e filho; Antonio Ibrahim Haddad, esposa e filha; Maria Dolores Gonçalves; Celso Gonçalves, esposa e filhos; José Gonçalves; José Feijó Gonçalves, esposa e filha; Luiz Feijó Gonçalves e esposa; Izilda da Assunção Veiga e Claudino Braz, convidam seus parentes e amigos para assistirem a missa de ano que mandam celebrar, amanhã, dia 1º de junho, na Igreja N. S. do Carmo (Rua 1º de Março), às 9 horas, em sufrágio pela alma de seu boníssimo e saudoso esposo, pai, sogro, avô, irmão, tio e cunhado, JESUS GONÇALVES FIDALGO. Por esse ato de amizade cristã, antecipam os seus agradecimentos. (38217)

JESUS GONÇALVES FIDALGO
(FUNDADOR DE VIDA DOMÉSTICA)
(MISSA DE ANO)

Os Diretores, redatores, funcionários de redação, administração e oficinas da Sociedade Gráfica Vida Doméstica Ltda., convidam os parentes e amigos do seu saudoso chefe e fundador JESUS GONÇALVES FIDALGO, para assistirem a celebração da missa de ano que, em intenção da sua alma mandam celebrar, amanhã, dia 1º de junho, às 9 horas, na Igreja de N. S. do Carmo, à rua 1º de Março. Aos que assistirem a esse ato cristão, antecipam os seus agradecimentos. (38218)

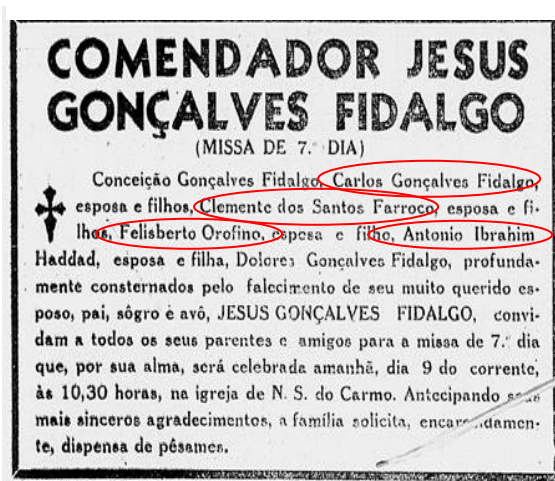
Fonte: *Correio da Manhã*. Mai/1949. Depositário: Hemeroteca da FBN

O primeiro aviso, extraído do jornal “A Noite”, convida parentes e amigos para celebrarem a missa de 7º dia de Jesus Gonçalves Fidalgo. Alguns elementos chamam a atenção: 1) a presença de quatro convites, cada um feito por um grupo social diferente, a saber: familiares, amigos e colaboradores dos empreendimentos de Fidalgo, o que demonstra seu alcance no âmbito social e cultural; 2) a referência a Fidalgo como Comendador. Segundo

o Dicio³⁸, dicionário online, comendador é o sujeito “Dignitário de ordem militar ou religiosa a quem se conferiu comenda” e comenda é “Benefício concedido antigamente a eclesiásticos e a cavaleiros de ordens militares; Usufruto de uma abadia, concedido pelo papa; Distinção honorífica; insígnia de comendador”. Trata-se de um benefício que pode ser de cunho religioso concedido a um sujeito de distinção. Fidalgo era assim, então, considerado um sujeito destacado, cuja honra veio, muito provavelmente, de sua aproximação com a religião católica. De acordo com Santos (2011), “considerando que a produção de *Vida Doméstica* era (...) inspirada e orientada pelos *apostolados cristãos*, ressalta-se a presença de valores católicos na publicação” (p. 39, grifos do original). A autora continua: “em editorial intitulado ‘No limiar de 1954’, observou-se a indicação de que *Vida Doméstica* sempre penetrou nos lares ‘de viseira erguida e de acordo com as nossas tradições morais e cristãs’” (p. 39, grifos do original). Desse modo, é possível inferir que a comenda recebida por Fidalgo advinha da religião, uma vez que, além das evidências aqui apresentadas, não foram identificados elementos que o remetesse à ordem militar.

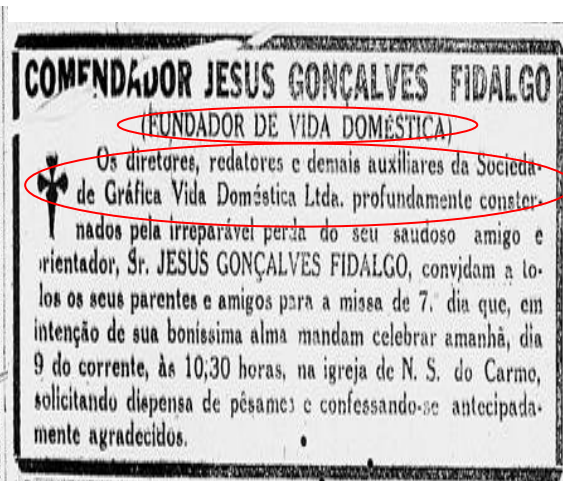
Ainda sobre o anúncio acerca da missa de 7º dia de Fidalgo, dois avisos merecem destaque. O primeiro, por elencar os parentes e amigos que pagaram o anúncio no jornal, como a esposa, Conceição Fidalgo e o filho, Carlos Fidalgo. E o segundo, por especificar que Fidalgo era o fundador de *Vida Doméstica*:

Figura 12 – Destaque dos que pediram o anúncio sobre a missa de 7º dia de Fidalgo



Fonte: *A Noite*. Jun/1948. Depositário: Hemeroteca da FBN

Figura 13 – Destaque dos que pediram o anúncio sobre a missa de 7º dia de Fidalgo



Fonte: *A Noite*. Jun/1948. Depositário: Hemeroteca da FBN

³⁸ Trata-se do site <www.dicio.com.br>, consultado em 19 de janeiro de 2018.

Todos os diretores de *Vida Infantil* – Carlos Fidalgo, Antonio Haddad, Clemente Farroco e Felisberto Orofino – fizeram o anúncio em “A Noite” convidando a comunidade para a missa de 7º dia de Fidalgo. O mesmo acontece com o anúncio da missa de 1 ano:

Figura 14 – Destaque dos que pediram o anúncio sobre a missa de 1 ano de Fidalgo

**JESUS GONÇALVES
FIDALGO**

(MISSA DE ANO)

Viúva Conceição Gonçalves Fidalgo, Carlos Gonçalves Fidalgo, espósa e filho; Clemente dos Santos Farroco, espósa e filhos; Felisberto Orofino, espósa e filho; Antonio Ibrahim Haddad, espósa e filha; Maria Dolores Gonçalves; Celso Gonçalves, espósa e filhos; José Gonçalves; José Feijó Gonçalves, espósa e filha; Lutz Feijó Gonçalves e espósa; Izilda da Assunção Veiga e Claudino Braz, convidam seus parentes e amigos para assistirem a missa de ano que mandam celebrar, amanhã, dia 1º de junho, na Igreja N. S. do Carmo (Rua 1º de Março), às 9 horas, em sufrágio pela alma de seu boníssimo e saudoso espóso, nai, sogro, avô, irmão, tio e cunhado, JESUS GONÇALVES FIDALGO. Por êsse ato de amizade cristã, antecipam os seus agradecimentos. (38217)

Fonte: *A Noite*. Mai/1949. Depositário: Hemeroteca da FBN

Figura 15 – Destaque dos que pediram o anúncio sobre a missa de 1 ano de Fidalgo

**JESUS GONÇALVES
FIDALGO**

(FUNDADOR DE VIDA DOMÉSTICA)

(MISSA DE ANO)

Os Diretores, redatores, funcionários de redação, administração e oficinas da Sociedade Gráfica Vida Doméstica Ltda., convidam os parentes e amigos do seu saudoso chefe e fundador JESUS GONÇALVES FIDALGO, para assistirem a celebração da missa de ano que, em intenção da sua alma mandam celebrar, amanhã, dia 1º de junho, às 9 horas, na Igreja de N. S. do Carmo, à rua 1º de Março. Aos que assistirem a êsse ato cristão, antecipam os seus agradecimentos. (38218)

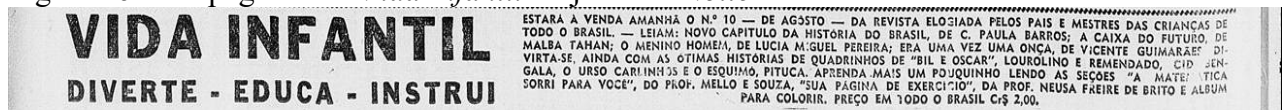
Fonte: *A Noite*. Mai/1949. Depositário: Hemeroteca da FBN

Por meio da observação dos anúncios, nota-se que Fidalgo possuía prestígio frente ao grupo de intelectuais que compunham *Vida Infantil*. A despeito da prática recorrente com que se fazia este tipo de anúncio nos jornais, à época, tais destaques evidenciam a importância do fundador diante da sua rede de sociabilidade. Fidalgo representava, pois, um líder no espaço

do qual fazia parte, de modo que todos os diretores que compunham o expediente de *Vida Infantil* estavam referidos no anúncio das missas de 7º dia e um ano, assim como redatores, funcionários da redação, administração e oficinas da Sociedade Gráfica Vida Doméstica Ltda.

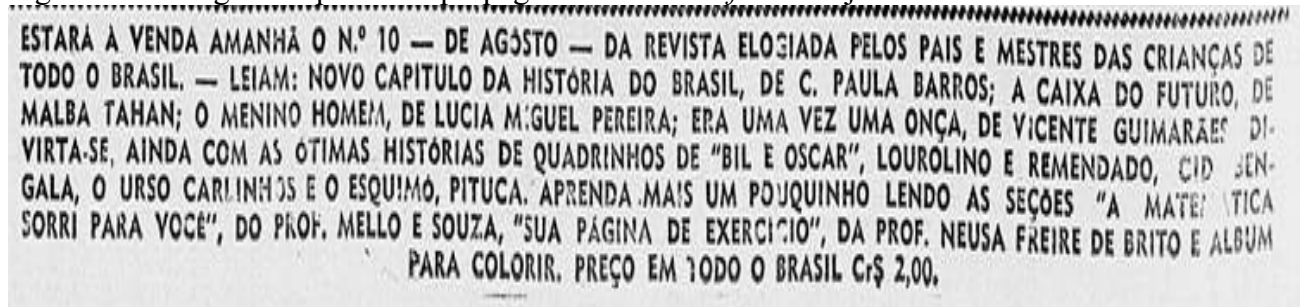
Ainda no sentido de se localizar referências acerca de *Vida Infantil* nos periódicos da época, foi possível identificar uma propaganda referente à revista no jornal *A Noite*, datado de 12 de agosto de 1948:

Figura 16 – Propaganda de *Vida Infantil* no jornal *A Noite*



Fonte: *A Noite*. Ago/1948. Depósito: Hemeroteca da FBN

Figura 17 – Imagem ampliada da propaganda de *Vida Infantil* no jornal *A Noite*



Fonte: *A Noite*. Ago/1948. Depósito: Hemeroteca da FBN

Na propaganda, alega-se que *Vida Infantil* consistia em uma revista elogiada por pais e professores, muito possivelmente como forma de legitimar a publicação e conquistar e/ou fidelizar o público. Além disso, são destacados os conteúdos trazidos na revista, tais como as colunas pedagógicas e as de entretenimento e leitura³⁹, como, por exemplo, a coluna de História do Brasil, de Carlos Marinho de Paula Barros, e os contos “O Menino Homem”, de Lúcia Miguel Pereira, e “Era uma vez uma onça”, de Vicente Guimarães.

Com base na leitura da propaganda em destaque, *Vida Infantil* apresentava seções de entretenimento, a partir de histórias infantis, de piadas e de poemas, sob a forma de História em Quadrinhos (HQ) a partir de contos e outras histórias infantis, e colunas de cunho pedagógico, instrutivo, educativo e escolar. A análise de quatro edições da revista permite construir o seguinte quadro referente ao quantitativo de colunas temáticas⁴⁰:

³⁹ Importa notar a referência feita à *História do Brasil para Crianças*, do Profº Carlos Marinho de Paula Barros, coluna analisada no capítulo 3.

⁴⁰ A operação analítica levou em consideração os quatro anos de análise da revista (1947–1950) e focalizou o mês de dezembro por ser um mês comum a todos os anos. De 1947, só foi possível localizar a revista de número II, isto é, a do mês de dezembro.

Quadro 4 – Colunas temáticas publicadas em *Vida Infantil*, por nome e quantidade, nas edições de dezembro (1947-1950)

Ano	Instrução (conteúdo escolar e exercícios)	Entretenimento (Histórias em Quadrinhos e Piadas)	Educação (histórias e contos)
1947	<ol style="list-style-type: none"> 1. História do Brasil para Crianças (1 p); 2. As Crianças Precisam saber (1 p.); 3. Álbum de História do Brasil (2 p); 4. Álbum “O Gato” – Desenho para colorir (2 p); 5. A Matemática Sorri para Você (3 p); 6. Sua Página de Exercícios (2 p). 	<ol style="list-style-type: none"> 1. Os enganos do Pituca (7 p); 2. Chiquinho (1 p); 3. Lourolino e Remendado (4 p); 4. Sir Can-Can (8 p); 5. Bonifácio (meia página); 6. Samuel (meia página); 7. Coronel Farofa (5 p); 8. Super coelho (10 p). 	<ol style="list-style-type: none"> 1. O Vento me Contou (6 p); 2. A Caixa do Futuro (7 p); 3. História do Folclore para Crianças (3 p); 4. João Pamonha (1 p).
1948	<ol style="list-style-type: none"> 1. História do Brasil para Crianças (1 p.); 2. As Crianças precisam saber (1 p.); 3. A matemática sorri para você (3 p.); 4. Sua página de exercícios (2 p.); 5. Álbum de História do Brasil (2 p.); 6. Álbum de desenho para colorir “O Sabiá” (2 p.) 	<ol style="list-style-type: none"> 1. Os enganos do Pituca (5 p); 2. Pinguinho (4 p); 3. Sir Can-Can (9 p); 4. Coronel Farofa (5 p); 5. O macaco teimoso (3 p); 6. Lourolino e Remendado (5 p); 	<ol style="list-style-type: none"> 1. O Flato e a Aranha (7 p); 2. Memórias de um cachorro (6 p); 3. História do folclore para crianças (6 p); 4. Manchão (1 p)
1949	<ol style="list-style-type: none"> 1. História do Brasil para Crianças (1p); 2. As crianças precisam saber (1 p); 3. Testes e Brincadeiras (2 p); 4. Álbum de História do Brasil (2 p); 5. Álbum de desenhos para colorir “Araras” (2p); 6. Sua página de exercícios (2 p); 	<ol style="list-style-type: none"> 1. “Para você colorir” – Boas festas (1 p); 2. Os enganos do Pituca (6 p); 3. Lourolino e Remendado (5 p); 4. Zé Pinguim (10 p); 5. Natal no Sul (5 p); 6. A História de Papai Noel (1 p); 7. Lewis Carroll (Rev. Charles L. Dodgson) (3 p); 8. Zé Queimado (5 p); 9. Prudência (1 p.) 10. Porcolino (1 p) 	<ol style="list-style-type: none"> 1. Rei Pernilongo (4 p); 2. Conversando com as aves (6 p); 3. Odília (1p)
1950	<ol style="list-style-type: none"> 1. História do Brasil para Crianças (1p); 2. As Crianças precisam saber (1p); 3. Álbum de História do Brasil (2 p); 4. Álbum Escolar (4p: 2p para recortar, colorir e colar; 2p com textos explicativos); 5. Testes e Brincadeiras (1p); 6. Sua Página de Exercícios (3p) 	<ol style="list-style-type: none"> 1. Benê e Pimpão (2 p); 2. Lourolino e Remendado (9 p); 3. Paulinho e Nequinha (8 p); 4. Ana-Maria (1p); 5. Adornos para a Árvore de Natal (3 p); 6. Chiquinho (3p); 7. Zé Queimado (5p); 8. Chuchuca e Samuel (2 p); 9. A Pequena Kate (1p); 10. Os enganos de Pituca (6 p); 11. Super-Coelho (10p) 	<ol style="list-style-type: none"> 1. Para você recitar – Natal (1p); 2. O Presente de Natal (1p)

Quadro produzido pela autora. Fonte dos dados: Depositário da Fundação Biblioteca Nacional (FBN).

O número entre parênteses se refere à quantidade de páginas destinada a cada coluna, o que nos permite perceber sua relevância e seu espaço na revista. Nota-se, por exemplo, que as colunas de diversão são mais numerosas em relação à quantidade de colunas (em média, 8 colunas por número) em comparação às de educação e instrução (em média, 6 colunas) e eleva-se, também, em número de páginas (em média, 38 páginas de diversão e 10 páginas de educação e instrução).

Passemos, assim, para o próximo quadro, o qual apresenta a quantidade de colunas de acordo com o tema:

Ano	Instrução (conteúdo escolar e exercícios)	Entretenimento (Histórias em Quadrinhos e Piadas)	Educação (histórias e contos)
1947	6	8	4
1948	6	6	4
1949	6	10	3
1950	6	11	2

Quadro produzido pela autora. Fonte dos dados: Depositário da Fundação Biblioteca Nacional (FBN).

Já o último quadro elaborado para analisar a composição de *Vida Infantil* visa apresentar a quantidade de páginas totais destinadas a cada tema por edição no mês de dezembro⁴¹, de modo a compreendermos o espaço de cada eixo no âmbito da revista:

Ano	Instrução (conteúdo escolar e exercícios)	Entretenimento (Histórias em Quadrinhos e Piadas)	Educação (histórias e contos)
1947	11	36	17
1948	11	31	20
1949	10	38	11
1950	10	50	2

Quadro produzido pela autora. Fonte dos dados: Depositário da Fundação Biblioteca Nacional (FBN).

A partir dos quadros 5 e 6 é possível perceber que em todos os anos analisados o eixo da diversão foi o que mais esteve presente na organização da revista. Ademais, nos anos de 1947

⁴¹ Como já exposto, dezembro é o único mês comum aos quatro anos privilegiados de análise desta dissertação (1947-1950), visto que *Vida Infantil* começa a circular em novembro de 1947, mas o primeiro número localizado foi o do mês de dezembro daquele ano.

a 1949, o eixo formado por histórias e contos apresenta mais páginas na revista do que o eixo de instrução – esse fato muda apenas em 1950, quando há uma queda significativa na quantidade de páginas de histórias e contos.

Ainda de acordo com a análise dos quadros 4, 5 e 6, é possível evidenciar algum esforço feito pelos editores e pelos intelectuais que assinam a revista em lançar mão de uma ação instrutiva, que visasse à escolarização e à “pedagogização” do público a partir do impresso.

Nesse sentido, Pallares-Burke (1998) argumenta que

Os meios de comunicação modernos, até mesmo os que se pretendem ser de puro entretenimento, sempre ensinam. Jornais, revistas, rádio e televisão, por exemplo, têm um currículo oculto que dissemina e organiza informações, cria valores, atitudes e ideias sobre uma multiplicidade de temas e, pois, quer queiram ou não, influenciam seus leitores, ouvintes e expectadores. (p. 2) (Grifos meus)

Com Pallares-Burke (1998), é possível estabelecer uma relação entre a revista *Vida Infantil* e os seus objetivos “pedagogizantes”, isto é, formativos, educativos e que, supostamente, ensinam, influenciam e criam/ recriam valores, atitudes e ideias. *Vida Infantil* parecia saber, então, entreter, educar, instruir e, assim, “pedagogizar” o público leitor.

Desse modo, a revista buscava se pautar nesses três elementos, de maneira que poderia se supor que, para os editores, a revista, para ser efetivamente legítima e de qualidade para o público infantil, deveria abranger as principais áreas do leitor desse tipo de impresso: a diversão/ entretenimento, a educação e a instrução, buscando passar confiança, ainda, para os consumidores em potencial da revista: os adultos que proveriam a revista para a criança.

Uma nota da editora, publicada em 2 de janeiro de 1948, indicava o lema da revista, como segue em um trecho retirado da nota: “Prezado leitor, iniciamos, no mês de Novembro [de 1947], a publicação de uma **nova revista destinada à infância e pautada no lema de ‘distrair, educar e instruir’**. (...)” (Revista *Vida Infantil*, Janeiro, 1948, grifos meus).

Se em janeiro de 1948 os editores já anunciavam o lema da revista, foi apenas em dezembro do mesmo ano que tal tópico passou a estampar a capa da publicação, sob a forma de subtítulo, tal como é possível observar na figura 18:

Figura 18 – Capa de *Vida Infantil* (1948)



Fonte: *Vida Infantil*. Nº 2, dez/1948, capa. Depositário: FBN

O lema da revista parece servir, ainda, de referência à parte do seu nicho de mercado: o público infantil escolarizado. Nesse sentido, algumas indagações emergiram: O que era educar e instruir, no período, segundo o ideário dos articulistas do periódico? Quais os limites e as potências de *Vida Infantil* na condição de impresso educativo e instrutivo? E, por fim, como divertir, educar e instruir o público se este não fosse alfabetizado? É à luz dessas perguntas que passaremos ao próximo tópico, no qual se busca compreender os sentidos atribuídos aos atos de educar e instruir, à época.

1.4 Sobre educar e instruir

Vida Infantil tinha como lema “divertir, educar e instruir” seu público. Interessante notar que a própria revista já fazia a diferenciação entre educar e instruir. De início, parece frutífero considerar a etimologia dessas palavras, uma vez que poderão ser esclarecidos aspectos importantes de seu sentido. Educar provém do latim, *educare*, forma derivada de *educere*, que possui a ideia de conduzir. O registro dessa palavra na língua portuguesa aparece em meados do século XVII e seu uso foi difundido a partir da obra *Emílio ou Da educação*, de Jean-Jacques Rousseau, de 1762. Note-se, ainda, que a palavra educar traduz ideias

associadas ao Iluminismo⁴² e ao progresso. Já o termo instruir vem do latim imperial (século I), *instruere*. Mais antiga no português, surge no século XVI. Segundo Barbosa-Lima, Castro & Araújo (2006), “a palavra latina arcaica tinha, no vocabulário militar, o significado de equipar e, no Latim Imperial, o de informar, dar ciência, fornecer conhecimentos úteis” (p. 241). Note-se, então, que instruir transmite uma ideia de aplicação do conhecimento e da instrução. Segundo os autores, “a palavra instruir, uma das mais antigas para indicar o processo pedagógico, (...) evoluiu para o sentido contemporâneo de treinamento de atividades mecânicas e repetitivas” (Barbosa-Lima, Castro & Araújo, 2006, p. 241).

“Educar” e “instruir”, conforme os sentidos atribuídos a partir do estudo da etimologia, auxiliam a perceber modos de operação de *Vida Infantil*. A revista buscava abarcar aspectos relativos à formação completa da criança, fosse por meio de colunas de conteúdo escolar, fosse por meio de histórias em quadrinhos (HQs) e contos de caráter educativo. Nesse sentido, importa ressaltar que a Constituição Federal de 1946⁴³, em seu Capítulo II, Artigo 166, assinalava que “a educação é direito de todos e será dada no lar e na escola”. Assim, a educação era de responsabilidade da família e da escola, o que denota caráter integral ao processo educativo.

Faria Filho (1995), ao discutir o funcionamento da primeira escola infantil, em Belo Horizonte, em 1908, faz a seguinte diferenciação em relação aos termos:

Advogam, alguns, que entre as instituições sociais caberia à escola o papel específico de introduzir as novas gerações nos conhecimentos que determinado grupo ou sociedade considerou necessário “escolarizar”, acabam por remeter a escola quase que exclusivamente para o terreno dos “conhecimentos e conteúdos escolares”. Já outros argumentam que à escola cabe muito mais que instruir, defendem uma ação muito mais ampla para a mesma. Para além do “terreno” dos conhecimentos e conteúdos, a escola deveria atuar na educação dos sentidos, dos sentimentos e valores, na conformação do corpo e dos gestos, no desenvolvimento das faculdades espirituais e na transmissão do conhecimento. (p. 109-110)

Em linhas gerais, o ato de educar assume, conforme o autor, um espaço mais amplo no processo de formação do indivíduo, buscando não apenas ensinar conteúdos e passar conhecimentos, como também atuar na formação mental, corporal e espiritual da criança. Já a instrução recairia em um movimento mais específico e objetivo: o de focalizar nos conteúdos elegidos para serem ensinados, em geral, pela escola.

⁴² Trata-se de um movimento intelectual surgido no século XVIII, na Europa. Defendia o uso da razão, identificada como a luz, naquele período, em detrimento do que estava posto, isto é, o Antigo Regime, visto como período das trevas. Econômica e politicamente, tinha o apoio da burguesia e pregava maior liberdade. O Iluminismo promoveu mudanças políticas, econômicas e sociais, baseadas nos ideais de liberdade, igualdade e fraternidade. Mais informações em: <<https://www.sohistoria.com.br/resumos/iluminismo.php>>. Acesso em: 30 de maio de 2018.

⁴³ Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao46.htm>. Acesso em: 20 de junho de 2018.

O termo “instrução”, na condição de termo de referência do âmbito escolar, pode ser observado em documentos legais que remontam ao século XIX, como a *Constituição Política (sic) do Imperio (sic) do Brazil (sic)*, de 25 de março de 1824⁴⁴. No título 8º, Artigo 179, inciso XXXII, da Constituição, lemos que “A Instrução *(sic)* primaria *(sic)*, e gratuita a todos os Cidadãos”, o que nos dá pistas para inferir que, no período em destaque (1824), o termo utilizado era “instrução”, diferentemente do termo em voga no período de publicação de *Vida Infantil* (1947), a qual se referia à “educação” e “instrução”⁴⁵. Além disso, essa Constituição não faz menção a quem cabia educar; ressalta-se, apenas, que consistia em um direito gratuito a todos, excluindo-se os escravos⁴⁶.

Importa ressaltar que a Constituição de 1891⁴⁷ também faz uso do termo “instrução”, tal como na Constituição de 1824. Em nenhuma dessas Constituições, contudo, é possível localizar o termo “educação”, no sentido próximo à “instrução”. Já na Constituição de 1934⁴⁸, o termo em destaque é “educação” e não mais “instrução”, como se pode observar no título atribuído ao Capítulo II, qual seja: *Da Educação e da Cultura*. De acordo com o Artigo 149 da Constituição de 1934:

A educação é direito de todos e deve ser ministrada, pela família e pelos Poderes Públicos, cumprindo a estes proporcioná-la a brasileiros e a estrangeiros domiciliados no País, de modo que possibilite eficientes fatores da vida moral e econômica da Nação, e desenvolva num espírito brasileiro a consciência da solidariedade humana (BRASIL, 1934)

⁴⁴ Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao24.htm>. Acesso em: 20 de junho de 2018.

⁴⁵ Schueler (1997) assinala que a questão da instrução pública se associava a discussões relativas ao processo de formação da nacionalidade, de maneira que a sua organização e regulamentação se dava com vistas à formação de um povo de boa moral e voltado para o trabalho (p. 13-14). Ainda de acordo com a autora, a concepção que se tinha a respeito da instrução popular, no período (em especial, a partir de 1824, com a promulgação da Constituição), não era precisa e acabada; era, ao contrário, resultado de variados projetos e variadas propostas em disputa. Contudo, ressalta-se que tais projetos e propostas apresentavam denominadores comuns, como o objetivo de se introduzir a população recém-liberta e pobre nos espaços de educação formal, como nas escolas e nas instituições públicas e particulares (SCHUELER, 1997, p. 16). Observa-se, então, que as discussões de meados do século XIX incorriam em uma instrução voltada para um povo recém-liberto da escravidão, à quem se atribuía uma moral duvidosa e ainda sem uma consciência de nacionalidade, conforme o ideário das elites dominantes. A despeito do recuo temporal das discussões empreendidas por Schueler (1997) em sua dissertação de mestrado, intitulada “*Educar e instruir: a instrução popular na Corte Imperial –1870 a 1889*”, e a produção e circulação de *Vida Infantil*, notam-se recorrências na utilização dos termos, como o uso do termo “instrução” que compõe o lema da revista e remonta ao período de análises realizadas por Schueler (1997). Ademais, importa notar de onde advém o termo “instrução”, uma vez que esse termo não é referido na Constituição Federal de 1946, mas se nota presente em *Vida Infantil*. Tendo em vista as lacunas observáveis na leitura dos textos legais, importou desenvolver a análise considerando-se o recuo temporal ao século XIX.

⁴⁶ De acordo com o Artigo 69, do *Regulamento da Instrução Primária e Secundária no Município da Corte*, de 1854, “Não serão admittidos á matricula, nem poderão frequentar as escolas: § 1º Os meninos que padecerem molestias contagiosas; § 2º Os que não tiverem sido vaccinados; § 3º Os escravos” (sic). Disponível em: <www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1824-1899/decreto-1331-a-17-fevereiro-1854-590146-publicacaooriginal-115292-pe.html>. Acesso em: 20 de junho de 2018.

⁴⁷ Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao91.htm>. Acesso em: 20 de junho de 2018.

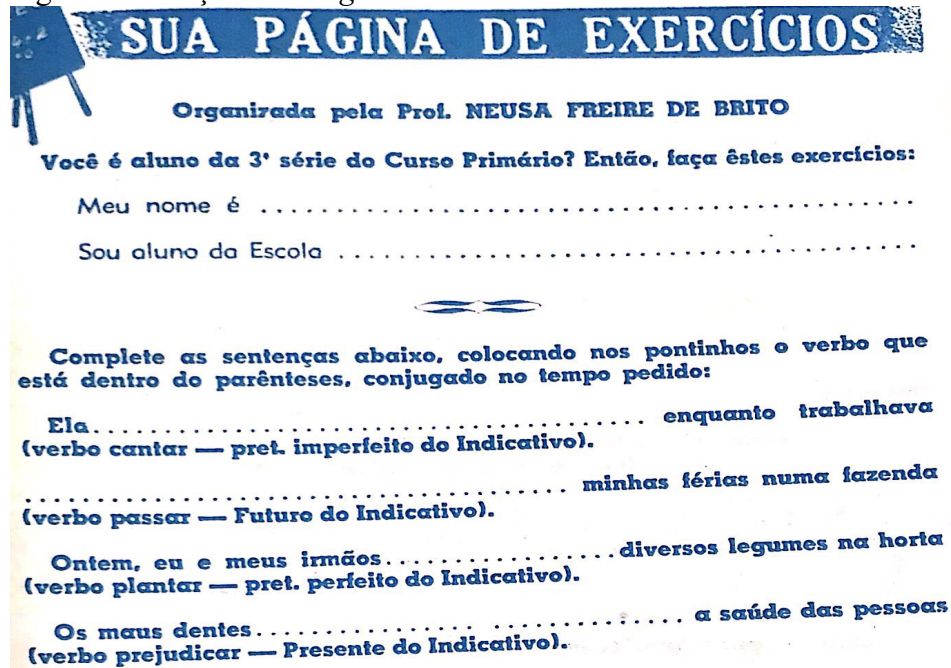
⁴⁸ Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao34.htm>. Acesso em: 20 de junho de 2018.

Observa-se, pois, que nessa Constituição indica-se a quem cabia educar: à família e aos Poderes Públicos, sob a forma da escola pública. Além disso, é assinalado que a educação era direito de todos, não fazendo distinção de nenhum nível. Por último, nota-se o destaque atribuído à questão da moralidade, do desenvolvimento econômico da Nação, da consciência cidadã em relação à pátria e da solidariedade dos cidadãos.

A partir da leitura da Constituição de 1934 é possível perceber certa aproximação com a Constituição Federal de 1946. Notem-se as permanências em relação a esses dois documentos legais, a despeito do período de promulgação de cada uma, com a diferença de mais de uma década. Com efeito, é possível observar que alguns aspectos presentes na Constituição de 1934 podem se alinhar, em alguma medida, com o que se lê na Constituição de 1946: o uso do termo “educação”; o trabalho articulado entre família e escola⁴⁹; e o discurso voltado para a consolidação da consciência moral, nacional e cidadã.

Nesse sentido, cabe observar o modo de operação de *Vida Infantil*. Apesar de não se ter localizado o uso dos termos “educação” e “instrução” no âmbito da Constituição de 1946, esses termos podem ser observados em *Vida Infantil* (com destaque para o subtítulo – “diverte – educa – instrui”). De acordo com o texto do periódico, “educar” e “instruir” apresentavam um viés complementar, uma vez que o conteúdo se relacionava à instrução, por um lado, e à educação, por outro. As figuras a seguir podem corroborar tais assertivas, a julgar pela forma e pelo conteúdo.

Figura 19 – Seção *Sua Página de Exercícios*



SUA PÁGINA DE EXERCÍCIOS

Organizada pela Prof. NEUSA FREIRE DE BRITO

Você é aluno da 3ª série do Curso Primário? Então, faça estes exercícios:

Meu nome é

Sou aluno da Escola

Complete as sentenças abaixo, colocando nos pontinhos o verbo que está dentro do parênteses, conjugado no tempo pedido:

Ela enquanto trabalhava
(verbo cantar — pret. imperfeito do Indicativo).

..... minhas férias numa fazenda
(verbo passar — Futuro do Indicativo).

Ontem, eu e meus irmãos diversos legumes na horta
(verbo plantar — pret. perfeito do Indicativo).

Os maus dentes a saúde das pessoas
(verbo prejudicar — Presente do Indicativo).

Fonte: *Vida Infantil*. Nº 9, jul/1948, p. 63. Depositário: FBN

⁴⁹ Outra análise importante em relação a quem cabia a tarefa de educar pode ser localizada no estudo de Magaldi (2003).

Sua Página de Exercícios se apresenta sob uma configuração escolar, na medida em que seu conteúdo versa sobre o estudo da gramática da Língua Portuguesa (conjugação) e apresenta, ainda, caráter educativo, a julgar pelas sentenças exemplares, como em “os maus dentes prejudicam a saúde das pessoas”.

Figura 20 – Seção *Sua Página de Exercícios*

A vovó do Zézinho faz anos hoje. Ele começou a escrever uma cartinha de felicitações, mas precisa de seu auxílio para completá-la. Ajude-o, escrevendo as palavras que faltam, de acôrdo com o sentido, sem esquecer de usar convenientemente o tratamento.

Transcreva o exercício num caderno para lhe facilitar.

Rio, 15-3-48

Minha vovózinha.

No dia de hoje não poderia deixar de escrever algumas para lhe desejar tudo de bom que a Snra. possa e que tanto merece.

Tinha imensa vontade de pessoalmente, mas a grande distância que nos separa de fazê-lo. Entretanto, meu pensamento estará totalmente voltado para a Snra. e nas minhas pedirei a Deus que lhe dê muita e que conceda a graça de conservá-la entre nós, por ainda.

Terminando, envio muitas lembranças ao vovô e

.....

Fonte: *Vida Infantil*. Nº 5, mar/1948, 49. Depositário: FBN

O exemplo de carta de felicitação de aniversário a uma suposta avó apresenta elementos importantes para se analisar a formação integral do petiz. De um lado, destaca-se a tentativa de se instruir em relação à forma de se operar com o gênero textual carta e as formas de tratamento. De outro, nota-se o conteúdo da carta: sentenças frasais de relativa complexidade para o público infantil, o teor suave, amoroso e, ainda, religioso, fazendo menção a Deus.

Outro tópico que merece destaque em relação a educar e instruir é a questão da alfabetização. O combate ao analfabetismo configurava-se como uma preocupação governamental, visto como um elemento importante rumo a uma nação civilizada, saudável e produtiva. Assim, não se focalizava apenas no “ler, escrever e contar”, mas também em um processo de formação integral, por meio de lições de teor nacionalista, cidadão e religioso.

No âmbito dessa discussão, cabe analisar os dados relativos à população brasileira, à época, no que concerne ao nível populacional e ao nível de instrução. Segundo o Anuário Estatístico do Brasil, de 1950, disponibilizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 1940, a população absoluta do país era de quase 42 milhões. Desse quantitativo, cerca de 4 milhões viviam no estado do Rio de Janeiro e, desses, cerca de 2 milhões no Distrito Federal (hoje o município do Rio de Janeiro).

Local	Ano	Quantidade
Brasil	1940	41.236.315
Rio de Janeiro	1940	1.847.857
Distrito Federal	1940	1.764.141
Rio de Janeiro	1950	2.326.201
Distrito Federal	1950	2.413.152

Quadro produzido pela autora. Fonte dos dados: *Anuário Estatístico do Brasil – 1950*. Ano XI. Serviço Gráfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 1951.

De maneira complementar, importa observar os valores referentes à população instruída e alfabetizada⁵⁰, no âmbito do Rio de Janeiro e do Distrito Federal, como se segue no quadro 8.

Local	Total de habitantes	Sabendo ler e escrever	Não sabendo ler nem escrever	Não declarada
Rio de Janeiro	1.560.133	662.958 (42,5%)	885.969 (56,8%)	11.206 (0,7%)
Distrito Federal	1.581.294	1.221.495 (77,3%)	335.310 (21,2%)	24.489 (1,5%)

Quadro produzido pela autora. Fonte dos dados: *Anuário Estatístico do Brasil – 1950*. Ano XI. Serviço Gráfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 1951.

Observa-se expressiva desigualdade no número de instruídos da capital em relação aos demais municípios. Dos quase 2 milhões de habitantes do estado do Rio de Janeiro, a quantidade de instruídos diminui consideravelmente, registram-se apenas 42,5% instruídos.

⁵⁰ Segundo o Mapa do Analfabetismo no Brasil (2003), ser alfabetizado consistia em “saber ler e escrever pelo menos um bilhete simples no idioma que conhece”.

No caso do Distrito Federal, a diferença é bastante menor. Neste recenseamento, feito em 1940, o total de habitantes percebido no Rio de Janeiro é de 1.560.133 (pouco mais de um milhão e meio); já no Distrito Federal a quantidade eleva-se para 1.581.294. A quantidade de pessoas que sabia ler e escrever um bilhete simples, no Rio de Janeiro, era de 662.958, correspondendo a menos da metade da população do estado. Quanto à capital do país, de 1.581.294 pessoas, quase 80% da população carioca sabia ler e escrever. A diferença entre o Rio de Janeiro e o Distrito Federal é alta, o que poderia justificar, por exemplo, a produção e a circulação de uma revista do porte de *Vida Infantil*, no Distrito Federal, a qual focalizava a instrução e a educação de uma parte da população infantil.

A partir da análise dos dados, buscou-se perceber elementos relacionados à circulação de *Vida Infantil* e ao seu público esperado, isto é, o público infantil alfabetizado. Como se notou, no âmbito do Distrito Federal, a quantidade de habitantes alfabetizados era expressiva em comparação à quantidade de instruídos em relação ao estado do Rio de Janeiro. Para além dessa discussão, buscou-se perceber convergências e divergências em relação ao que seria educar e instruir, no período de publicação da revista, e a quem caberia tais tarefas, levando-se em consideração leis e discussões que se relacionassem com o par educar e instruir⁵¹.

Por último, observaram-se alguns aspectos que esclarecessem o hibridismo de *Vida Infantil*, salientado pelo lema da revista: diverte-educa-instrui. Após uma apresentação geral sobre a maneira de operar por parte dos articulistas da revista, o capítulo seguinte recai, com mais ênfase, em elementos relativos à diversão do material, mas que não abria mão da educação e da instrução.



⁵¹ Em que pese o afastamento dos textos legais, nos limites da análise considere um exercício esclarecedor.